

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

TIAGO OLIVEIRA

**O ENSINO PARTICULAR DE INSTRUMENTO:
UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DE GUITARRA**

Porto Alegre
2013

TIAGO OLIVEIRA

**O ENSINO PARTICULAR DE INSTRUMENTO:
UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DE GUITARRA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Música,
para obtenção do título de Licenciatura em
Música – ênfase Violão, do Departamento de
Música, Universidade Federal do Rio Grande
do Sul.

Orientadora: Profª Drª Jusamara Souza

Porto Alegre
2013

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Carolina, por todo amor, paciência, persistência, incentivo e lucidez neste período que retornei à instituição de ensino que já havia me acolhido anteriormente. Sem o teu apoio eu não teria conseguido.

À nossa filha, Manoela, que chegou em nossas vidas para virar tudo de pernas para o ar, e mesmo assim, ser o motivo de nossas maiores alegrias.

Aos meus pais Maurício e Helida, e aos meus irmãos Lucas e Gabriel, pelos momentos em família, que são importantes demais.

À minha avó Maria de Lourdes, pelo apoio incondicional.

Aos meus pais emprestados Paulo Roberto e Heloiza, por estarem sempre ao lado de minhas meninas e ao meu.

Aos meus cunhados e cunhadas, por todos os momentos que compartilhamos nesta caminhada.

À Prof.^a Dr.^a Jusamara Souza, pela generosidade de ter me acolhido em sua classe e por ser uma orientadora completamente apaixonada pelo que faz. Acabando por tornar possível muitas coisas que considerava intangíveis antes de trabalharmos juntos.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao Instituto de Artes, onde reencontrei velhos amigos e pude iniciar novas amizades.

À Prof.^a Dr.^a Nídia Beatriz Nunes Kiefer, pela disponibilidade em trocar experiências, por sempre acreditar em minha capacidade e pela admiração e respeito mútuo que sempre nutrimos.

À Prof.^a Dr.^a Regina Antunes Teixeira, pelo período em que trabalhamos juntos na Oficina de Teoria e Percepção Musical e pelas valiosas contribuições para o projeto de meu TCC.

Aos alunos e suas famílias que foram receptivos e extremamente generosos, tornando possível a pesquisa que foi realizada dentro de suas casas.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo verificar a rotina de estudo do instrumento que jovens estabelecem dentro de sua vida cotidiana e investigar possíveis transformações que a prática desenvolvida acarreta na relação dos alunos com a música. A metodologia adotada é o estudo de caso, utilizando observações e entrevistas com três jovens que estudam guitarra elétrica em âmbito particular. O período analisado compreendeu quinze meses entre os anos de 2012 e 2013, no qual foram observadas as aulas e a apresentação no final do ano de 2013 (observação participante). O trabalho é apoiado nas discussões de Dumazedier (1999) sobre o tempo livre dos jovens e as análises de Pronovost (2011) sobre a educação no tempo livre, conectadas às especificidades da aula particular de música. A pesquisa mostrou a dificuldade em estabelecer um divisor entre o tempo livre e o tempo de lazer, devido a sua fronteira ser muito sutil; além de evidenciar que o ensino particular de música é um campo ainda pouco explorado, merecendo maior atenção em futuras pesquisas acadêmicas.

Palavras-chave: sociologia da educação musical, sociologia do lazer, ensino particular de música, guitarra elétrica.

ABSTRACT

This research aimed at verifying the study routine of an instrument that young students establish within their daily lives and at investigating possible changes the developed practice cause in the students' relationship with music. Case study is the methodology that has been adopted by using observation and interviews with three young students who take private lessons of electric guitar. The analyzed period consists of fifteen months between 2012 and 2013, in which the lessons and the final performance in 2013 were observed (participant observation). The study is based on Dumazedier's (1991) discussions about young people's free time and on Pronovost's (2011) analysis about education in the free time, both connected to the specificities of music private lessons. The research has shown the difficulty of establishing a division between free time and leisure time, since the border is very subtle, and it has also highlighted that music private lessons is still a field that has been little explored and that deserves further attention in future academic research.

Keywords: sociology of music education, sociology of leisure, particular teaching music, electric guitar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 – Tempos sociais	13
2.1.1 – Tempo de trabalho/escola	14
2.1.2 – Tempo livre.....	15
2.1.3 – Tempo de lazer.....	15
3 – METODOLOGIA	17
3.1 – A observação participante.....	19
3.2 – Entrevista	19
3.3 – Análise de dados	20
3.4 – Interpretação dos dados.....	21
4 – O ENSINO PARTICULAR DE MÚSICA.....	22
4.1 – O local das aulas	23
4.2 – As aulas e o tempo.....	24
4.3 – Metodologia.....	25
5 – MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS, ROTINAS DE ESTUDO.....	29
5.1 – Os participantes	29
5.1.1 – Douglas.....	30
5.1.2 – Nuno.....	31
5.1.3 – Raquel.....	32
5.2 – A Apresentação	34
5.3 – Escolhendo o Repertório.....	34
5.3.1 – Dificuldades em relação ao repertório	35
5.4 – O tempo e o cotidiano.....	43
5.5 – Por quê? Quando? Como? Perguntas e respostas sobre a prática musical dos jovens observados.....	50
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE: ENTREVISTAS	57
ANEXOS: PARTITURAS.....	63

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - LEGENDA	43
QUADRO 2: HORÁRIOS DE NUNO.....	44
QUADRO 3: HORÁRIOS DE RAQUEL.....	46
QUADRO 4: HORÁRIOS DE DOUGLAS ATÉ 20 DE AGOSTO.....	49
QUADRO 5: HORÁRIOS DE DOUGLAS APÓS 20 DE AGOSTO.....	50

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: REST IN PEACE – EXTREME	35
FIGURA 2: REST IN PEACE – EXTREME	36
FIGURA 3: POLITICALAMITY – EXTREME	36
FIGURA 4: POLITICALAMITY - EXTREME	37
FIGURA 5: POLITICALAMITY - EXTREME	37
FIGURA 6: MARDY BUM – ARCTIC MONKEYS - INTRODUÇÃO.....	38
FIGURA 7: MARDY BUM – ARCTIC MONKEYS – SOLO.....	38
FIGURA 8: MY STUPID MOUTH – JOHN MAYER	39
FIGURA 9: MY STUPID MOUTH – JOHN MAYER	39
FIGURA 10: MY STUPID MOUTH – JOHN MAYER	40
FIGURA 11: WISH YOU WERE HERE - PINK FLOYD.....	41
FIGURA 12: WISH YOU WERE HERE - PINK FLOYD.....	41
FIGURA 13: HELTER SKELTER – THE BEATLES	42
FIGURA 14: HELTER SKELTER – THE BEATLES	42

INTRODUÇÃO

O presente estudo de caso começou a ser delineado a partir dos relatos de aula apresentados em classe para minha orientadora durante o Estágio Supervisionado de Ensino. Conjuntamente, consideramos que seria relevante analisar e compartilhar algumas de minhas experiências no âmbito do ensino particular de música, com os instrumentos violão e guitarra elétrica, especialmente as atividades ocorridas nos últimos quatro anos.

Minha atuação profissional como docente iniciou em 1999, quando ainda cursava o curso de bacharelado em música, nesta época eu lecionava violão em uma escola de música e atuava em oficinas de música dentro de projetos da prefeitura de Porto Alegre. As primeiras experiências atendendo alunos em sua residência começaram em 2000 e se estenderam até o final de 2002. A partir de 2003 passei a ministrar aulas de violão, guitarra e baixo elétrico em três escolas de música da capital, além de receber alunos em minha casa. No ano de 2009 retomei as atividades indo na casa dos alunos, e é este o período que está compreendido no presente trabalho. Os alunos que aceitaram participar da pesquisa iniciaram seus estudos musicais entre 2011 e 2012, ou seja, já estão sob minha orientação há pelo menos um ano.

O interesse da proposta foi investigar como era a rotina de estudo do instrumento que cada aluno estabelecia dentro de sua vida cotidiana. Como transformavam seu tempo livre ou o tempo que poderia ser destinado ao lazer, em momentos de aprendizagem. Avaliar como a prática musical interferiu na relação dos alunos com a música e com o meio em que eles estão inseridos. Isso porque muitas vezes o aprendizado de um instrumento musical acaba modificando as relações interpessoais dentro da família e de grupos formados por adolescentes.

Para o estudo selecionei três alunos particulares de guitarra, com idade média de dezesseis anos. São eles Raquel, Nuno e Douglas¹. As aulas acontecem na casa dos três alunos, sendo que Raquel e Nuno são atendidos na sala, e Douglas em seu quarto. Como material de suporte sempre utilizamos algum computador para

¹ Por questões éticas, esses são os pseudônimos escolhidos pelos participantes da pesquisa.

pesquisar materiais na internet, ou para escutar as músicas que eles estão estudando ou pretendem vir a tocar.

Considerando que o ensino de música se dá no âmbito particular, a informalidade da aula é algo que deve ser observado por parte do professor, pois se faz necessário que ele consiga estabelecer naquele horário e local o ambiente adequado para que a aula transcorra da melhor maneira. O fato de o professor particular se encontrar geograficamente dentro da casa de seu aluno, muitas vezes cercado por familiares, provoca uma grande dúvida: como agir pedagogicamente neste ambiente tão peculiar? Como se comportar frente a situações de aula que talvez o professor particular nunca tenha sido confrontado? Para Bozzetto (2004) “se o aluno está na própria casa, a aula [...] pode significar uma invasão de seu espaço, perdendo sua força e motivação.” (p. 41)

Este ambiente de trabalho se encaixa perfeitamente dentro da concepção que Souza (2001) apresentou no X encontro nacional da ABEM onde confirmou que os jovens tem aprendido música em ambientes fora das instituições escolares.

A partir desse pressuposto essa pesquisa teve como objetivo geral: Investigar a forma que os alunos estabeleciam sua prática cotidiana em relação ao estudo do instrumento, possibilitando a delimitação de estratégias de ensino direcionadas e personalizadas, otimizando o estudo dos alunos de instrumento, permitindo-lhes atingir novos patamares de compreensão musical e maior desenvolvimento na performance instrumental.

Como objetivos específicos o estudo se propôs a: Identificar a relação que os alunos estabeleciam com a música; Descrever e analisar como os alunos administravam a sua prática músico/instrumental, frente a seus compromissos cotidianos; e analisar as especificidades pedagógicas e metodológicas da aprendizagem de guitarra no ambiente domiciliar dos alunos.

Para a revisão bibliográfica buscou-se um direcionamento para os seguintes tópicos: Atuação do professor particular de música e atividades de ensino/aprendizagem no tempo livre dos jovens. Dentre os estudos sobre a atuação do professor particular de música no espaço dos alunos, destaco as dissertações de mestrado de Bozzetto (1999) e Vieira (2009), as quais analisaram situações e

comportamentos altamente recorrentes desta modalidade de ensino. Conjuntamente com as informações que trago de minha prática docente, a ideia é que seja possível estabelecer e informar ao leitor as principais particularidades do ensino particular de instrumento musical.

Faz-se necessária também, uma delimitação dos fenômenos temporais dentro do cotidiano dos estudantes. Neste estudo de caso considere imperativo definir principalmente a questão do tempo de trabalho, que nesta pesquisa denominei como “tempo de trabalho/escola” e a relação ambígua das terminologias tempo livre e tempo de lazer. Estes três tempos sociais foram definidos a luz dos escritos de Joffre Dumazedier (1999) e Gilles Pronovost (2011).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para tornar efetiva a compreensão de alguns conceitos que serão desenvolvidos neste trabalho, considero de extrema importância abordar um fenômeno que não é o objeto central desta pesquisa. Trata-se da visão sociológica do tempo, que abordaremos conforme sugestão de Pronovost da seguinte forma: tempo de trabalho, tempo livre e tempo de lazer, entretanto me utilizarei do termo tempo de trabalho/escola devido ao autor estabelecer que: “o tempo livre foi concebido com um tempo ganho sobre o trabalho, sempre associado de maneira indistinta ao tempo escolar” (Pronovost, 2011, p. 25).

Segundo Ferreira (2010) “a relação existente entre trabalho, tempo livre e lazer é interdependente” o que torna difícil delimitá-los. Sendo que “o tempo livre está condicionado ao tempo de trabalho e, ainda, relaciona-se diretamente à prática do lazer” o que não quer dizer que todo tempo livre seja destinado ao lazer, mas podemos afirmar que não teríamos lazer se não existisse tempo livre. Outra dificuldade colocada em nossa frente é a que o tempo de trabalho cada vez mais invade o tempo livre das pessoas, refletindo diretamente no tempo que poderia ser destinado ao lazer. (Ferreira, 2010, p.75)

2.1 – Tempos sociais

Todos os indivíduos no decorrer de suas vidas substituem gradativamente o tempo que foi interiorizado desde a infância por um tempo em que o controle é exercido por agentes externos, este fenômeno é diretamente influenciado pelo meio sociocultural onde a população está inserida. Lembrando, que o tempo é um fenômeno devidamente estudado nas Ciências Sociais, sua origem se dá a partir de atividades coletivas e/ou individuais em que seja possível estabelecer os paradigmas específicos de cada uma, ampliando-se a possibilidade de verificar como se relacionam os indivíduos com a crescente necessidade de se otimizar qualquer fração de tempo disponível.

E é na forma como os estudantes organizam o tempo de seu dia que tornou-se possível a análise das suas rotinas de estudo no presente trabalho, Pronovost estabelece que a gestão do tempo dos filhos é fundamental “pois a regularização dos

dias em torno de atividades cotidianas estruturantes, ainda que ela possa ser sinônima de rotina, significa também controle e organização do tempo”(p.99). Mas não tenho como objetivo analisar toda a rotina de atividades dos estudantes e sim verificar a relação estabelecida entre eles, suas atividades cotidianas e como o estudo da música está inserido nesta rotina.

Em consonância com Bourdieu (1979), “a acumulação de capital cultural exige uma *incorporação* que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, *custa tempo* que deve ser investido *pessoalmente* pelo investidor”, ou seja, para a aquisição do capital cultural que o estudante ambiciona, ele deve investir o seu tempo livre para atingir com sucesso as metas que foram planejadas em relação à determinada atividade. Segundo o autor, este conhecimento que se torna capital pessoal do indivíduo é pago por ele através da dedicação de seu tempo.

2.1.1 – Tempo de trabalho/escola

Trabalho é essencialmente um processo em onde se transforma algo em produto que deve posteriormente ser comercializado. O formato destes produtos hoje é muito diverso, transitando dos tradicionais bens duráveis até o tempo que algum profissional aluga para a prestação de algum serviço especializado.

A sociologia do tempo trata da análise da duração desta atividade respeitando os aspectos específicos e gerais da atividade exercida, conforme Pronovost a atividade laboral e o período em que crianças jovens permanecem na escola são analisados da mesma forma, pois ele considera que o tempo de trabalho está “sempre associado de maneira indistinta do tempo escolar” (Pronovost, 2011, p.25) ou na categorização de obrigações institucionais descrita por Dumazedier como “organismos constitutivos da própria sociedade” onde as “instituições profissionais...ou instituições escolares para os jovens que ainda não trabalham na vida ativa”.

Desta forma torna-se possível delimitar mais precisamente o que será considerado como tempo de trabalho/escola dentro deste estudo de caso.

2.1.2 – Tempo livre

Anteriormente citando Dumazedier nos deparamos com o termo obrigações institucionais, que segundo o autor são: “instituições profissionais, familiares, sócio-espirituais, sócio-políticas” (1997, p. 94). De forma semelhante, Pronovost classifica como obrigação a relação com trabalho, escola e família; e como compromisso as atividades religiosas e políticas.(2011, p. 25).

Pronovost destaca que “o tempo livre foi concebido como um tempo ganho sobre o trabalho” e seu conteúdo “refere-se essencialmente a atividades dotadas de atributos distintivos: liberdade, satisfação pessoal, criatividade, ludicidade, etc”.

O tempo liberado do trabalho produtivo, a princípio concebido como simples complemento reparador de forças produtivas, tende a transformar-se cada vez mais em um tempo privilegiado, no qual se elaboram novos valores coletivos (Pronovost, 2011, p26)

Para Gilles Pronovost “a sociologia do lazer permite afirmar que o tempo livre é também um tempo para as solidariedades e para as redes de sociabilidade, de aprendizagem fora da escola, para a formação contínua, para as práticas culturais e científicas”(p.120) ampliando a discussão Ferreira(2010) nos coloca a frente de uma outra função do tempo livre, segundo a autora “o tempo livre que poderia ser destinado ao lazer é intensamente usado para a preparação do trabalho e na busca pela garantia deste, através da competitividade profissional”, refletindo diretamente nas atividades que o tempo escolar exige dos estudantes em seu tempo livre.

2.1.3 – Tempo de lazer

O tempo livre, de forma resumida, é uma das categorias de tempo fora do horário de trabalho/escola. E o tempo de lazer? Como defini-lo?

Para Dumazedier o lazer é “primordialmente liberação do trabalho profissional que empresa impõe” em nosso estudo de caso “é a liberação do trabalho imposto pela escola”, [não está submetido a fim lucrativo, utilitário, ideológico ou proselitico algum]. O autor destaca também o caráter hedonístico do lazer: “o lazer é marcado pela busca de um estado de satisfação, tomado como um fim em si” sendo que o tempo destinado

a este fim é caracterizado pela “procura do prazer, da felicidade ou da alegria” esta busca Dumazedier define como “um dos traços fundamentais do lazer da sociedade moderna”. Por fim o lazer é uma atividade de caráter pessoal “está ligado à realização, encorajada ou contrariada, das virtualidades desinteressadas do homem total, concebido como um fim em si, em relação ou em contradição com as necessidades da sociedade.”

De acordo com Pronovost (2011):

A sociologia do lazer frequentemente apresentou o tempo de lazer como o único tempo autêntico dedicado ao desenvolvimento pessoal e, à expressão cultural e à continuidade das atividades de autoformação. (p.26)

Neste estudo de caso se interessa especialmente pelo desenvolvimento intelectual e artístico dentro do tempo de lazer dos envolvidos na pesquisa. Pronovost indica que “o campo cultural permanece como um dos grandes universos onde as diferenças de participação se relacionam muito intensamente com o nível de educação e o nível de vida”. É possível observar por este enfoque os efeitos da estratificação social dentro do lazer e mais precisamente da atividade vinculada à cultura, e, conseqüentemente ao desenvolvimento intelectual que ela proporciona aos envolvidos.

Em relação ao tempo de lazer, Ferreira (2010) destaca que “as atividades ligadas a esse tipo de atividade tem influência indescritível na vida dos trabalhadores no que diz respeito à qualidade de vida” sendo que através de suas pesquisas averiguou que “o lazer é um valor em crescimento e envolve diferentes áreas de interesses (físicos, práticos, artísticos, intelectuais e sociais) de acordo com o nível social, cultural e profissional.” (p.77)

3 – METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a realização desta pesquisa foi o estudo de caso, sendo que Robert Yin qualifica o método como sendo uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, no presente estudo nos deparamos com o ensino privado dentro da residência dos estudantes, o que torna o estudo de caso uma escolha adequada devido a sua maleabilidade, conforme veremos a seguir.

Segundo Gil (2002) “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (p.54). O método consiste no estudo de um único caso, o qual pode ser “uma pessoa, mas também o [estudo] de um grupo, de uma comunidade, de um meio ou então fará referência a um acontecimento especial” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 155). De acordo com os mesmos autores, “um pesquisador seleciona um caso, na medida em que este lhe pareça típico, representativo de outros casos análogos. As conclusões gerais que ele tirará deverão, contudo, ser marcadas pela prudência, devendo o pesquisador fazer prova de rigor e transparência no momento de enunciá-las.” (p.156)

A principal vantagem do estudo de caso, segundo Laville e Dionne (1999), consiste na “possibilidade de aprofundamento” das questões, pois o investigador não apenas descreverá o caso estudado, mas, sim, terá como objetivo compreender o mesmo. Esta flexibilidade do método pode se tornar útil durante a pesquisa, pois o pesquisador pode se utilizar de novos recursos e novas interpretações de acordo com o contexto que vai sendo construído à sua frente.

A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. (Yin, p. 32)

Segundo Gil (2002) “a análise de um ou poucos casos de fato fornece uma base muito frágil para generalização” devido à impossibilidade do estudo de caso não poder se tornar um paradigma frente a grupos populacionais maiores, ele acaba funcionando no universo em que aquele caso específico esta inserido. Portanto Gil completa sua

ideia determinando que o estudo de caso vem “proporcionar uma visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados” (p. 55) não mais que isto.

Para a coleta de dados serão utilizadas as observações e as entrevistas. Os estudantes que aceitaram participar deste trabalho acadêmico, como já mencionado, são: Raquel, Douglas e Nuno. A faixa etária deles é em torno de dezesseis anos e todos estudam atualmente guitarra elétrica, os pais foram devidamente informados do trabalho que estarei realizando com eles, além dos objetivos do mesmo.

O material que será coletado para o trabalho em andamento abrange o período entre os meses de abril e outubro de 2013. A data final escolhida para encerrar as observações de aula foi fixada em outubro, quando será organizado um show em local já definido no qual os alunos poderão apresentar o repertório desenvolvido neste período de seis meses em que os dados da pesquisa serão coletados. A análise dos dados coletados bem como a finalização do texto do trabalho se dará nos meses de novembro e dezembro de 2013.

Em relação às técnicas de coleta de dados, em um primeiro momento estabeleci com os alunos o preenchimento de um diário de classe on-line que eu havia organizado no aplicativo Spreadsheet (planilha) do Google Docs². A adesão a esta prática foi quase nula (no período de um mês apenas dois acessos por parte dos integrantes da pesquisa). Abandonei o diário *on-line* e passei a coletar os dados necessários tomando nota em meu diário de campo, focando nos progressos semanais e na descrição das rotinas de estudo de cada um deles. Posteriormente esses dados junto com as entrevistas serão analisados de uma forma qualitativa apoiada nas indicações de Gil (2002), Laville e Dionne (1999) e Yin (2001).

A opção em utilizar mais de uma forma de coleta de dados vai diretamente ao encontro da ideia defendida por Yin de que a coleta de dados deve ter mais de uma fonte de evidências, permitindo assim o cruzamento dos dados obtidos com o referencial teórico escolhido para a pesquisa.

² Trata-se de uma ferramenta do portal Google que permite o usuário utilizar os seguintes aplicativos: editor de textos, planilha de cálculos, editor de apresentações e banco de dados. Os programas são todos executados on-line, bastando apenas o usuário possuir uma conta no Google.

Os estudos de caso não precisam ficar limitados a uma única fonte de evidências. Na verdade, a maioria dos melhores estudos baseia-se em uma ampla variedade de fontes. (Yin, p.120)

Uma questão metodológica importante a ser discutida nos resultados finais da presente pesquisa, é a dificuldade em atuar como professor e pesquisador junto aos alunos, a tarefa se torna bastante complexa, pois é necessário ter muita sensibilidade para estabelecer quando um está em cena e o outro não, estabelecendo assim o limite necessário para que a interferência sobre o objeto da pesquisa seja mínima.

3.1 – A observação participante

O pesquisador tem a possibilidade de participar dos eventos que estão sendo estudados. No caso da presente pesquisa isto se torna uma modalidade de coleta indissociável de minha função como docente, pois estarei modificando a prática dos alunos a cada encontro semanal. Esta interferência procurou ser minimizada em função de uma das questões que direciona este estudo de caso, que é estabelecer as rotinas de estudo que os jovens estabelecem dentro de seu tempo livre de forma concomitante as outras atividades.

Gil observa em seu livro *Métodos e técnicas de pesquisa social* este modelo de coleta permite ao pesquisador maior interação com o meio que está sendo pesquisado, facilitando a aquisição de dados através do contato direto com os indivíduos envolvidos, acesso a dados relevantes do objeto que está em análise e conseguir observar os envolvidos de forma mais natural o que acaba proporcionando reações mais naturais por parte dos participantes.

Resumidamente é uma forma de coleta de dados bastante eficiente porém o pesquisador deve ficar atento à distância que deve manter do grupo para que coleta e posterior análise dos dados não seja permeada por sentimentos pessoais.

3.2 – Entrevista

Técnica em que o investigador formula perguntas ao investigado, podendo através das indagações, direcionar o material coletado em assuntos específicos ou opiniões mais generalizadas. O entrevistador deve ter o cuidado de não simplesmente perguntar a seu interlocutor e sim conversar com ele de forma que as respostas sejam espontâneas, quase como se fosse uma conversa informal.

As entrevistas podem assumir formas diversas. É muito comum que as entrevistas, para um estudo de caso, sejam conduzidas de *forma espontânea*. (Yin, p.102)

Dentro das possíveis modalidades de entrevista citadas por Gil e Yin, nos decidimos pela: Entrevista Estruturada, que consiste em seguir um roteiro fixo de perguntas que devem ser feitas a todos os investigados. Este formato de entrevista permite que os dados também sejam analisados de forma quantitativa. Na presente pesquisa os dados coletados nas entrevistas terão sua análise feita por um viés qualitativo.

3.3 – Análise de dados

A análise dos dados de um estudo de caso, não é tão simples. Como o estudo de caso é um método dinâmico por excelência, as mudanças no formato de coleta de dados, referenciais teóricos e conseqüentemente a análise e interpretação dos dados acaba tendo que se adaptar a cada nova diretriz que é estabelecida pelo pesquisador.

Estas mudanças acabam ocorrendo por conta do próprio contato que é estabelecido com o objeto de pesquisa, modificando e sendo modificado por esta interação, o que acaba fazendo com que o processo de análise e interpretação seja tão maleável quanto os métodos de coleta de dados, mas não podemos confundir esta maleabilidade com ausência de um direcionamento da pesquisa.

Na verdade o termo maleabilidade está vinculado de forma direta nesta pesquisa com as particularidades da prática musical de cada um dos participantes, frente suas tarefas cotidianas, e como os acontecimentos domésticos acabam sofrendo alterações em sua estrutura temporal por parte de agentes externos e também internos ao núcleo estudado, os instrumentos de pesquisa e análise tem que

ter a flexibilidade necessária para conseguir acomodar as mudanças que acontecem por muitas vezes em curtos espaços de tempo.

3.4 – Interpretação dos dados

Segundo a literatura, não existe nenhum tipo de norma que estabelece qual seriam os procedimentos mais adequados para a interpretação dos dados previamente analisados. Mas como definir de forma clara o que é análise e o que é a interpretação?

Tomo aqui a liberdade de estabelecer as diretrizes que vão nortear os processos de análise e interpretação de dados deste TCC. À análise de dados fica estabelecido que lhe compete apresentar os dados quantitativos da pesquisa, assim como os processos de transcrição de entrevistas.

A interpretação dos dados se dará de forma qualitativa, procurando trazer ao leitor uma visão mais humana dos processos educacionais observados. Alguns dados serão interpretados de forma mista, quantificando alguns, como os de tempo, mas sem esquecer de traçar um paralelo qualitativo entre eles e o referencial teórico.

4 – O ENSINO PARTICULAR DE MÚSICA

Segundo o dicionário Houaiss ensino é a “transferência de conhecimento, de informação, especificamente de caráter geral, na maioria das vezes em local destinado a esse fim (escola, oficina etc.)”. Locais que podem ser os mais diversos em consonância com Souza (2001) ao afirmar que “crianças e jovens talvez aprendam música, hoje, mais em seus ambientes extra-escolares do que na escola propriamente dita”(p. 85).

O ensino particular de música pode dar-se nos mais diversos espaços, mas sua principal característica é de não estar vinculado diretamente ao espaço de ensino formal. Vieira (2009) cita os espaços de atuação que considerou mais relevantes do ensino particular face a sua pesquisa. São eles: “escolas particulares de música, sindicatos, centros culturais, associações de bairro” não esquecendo o objeto do presente estudo que é o “atendimento domiciliar, tanto na casa dos alunos como na casa dos próprios professores” (p.65). Garcia também lembra que “a educação musical também ocorre nas casas dos instrumentistas ou, ainda, dos próprios alunos” (2010, p. 1487).

A prática de ensino sob este escopo está fortemente vinculada com o formato encontrado nos conservatórios de música, onde o aluno geralmente é atendido individualmente pelo professor, cabendo a este, a meu ver, estabelecer uma metodologia focada nos interesses e nas dificuldades do estudante.

Considero também, que alguns aspectos devem ser observados em relação ao ensino particular de música. São características que também podem ser observadas com relação ao funcionamento de escolas especializadas no ensino de música, onde o perfil do público que busca os serviços é muito semelhante com o que opta pelo professor particular. Estes aspectos são os seguintes: efemeridade, sazonalidade e motivação.

Tomo como definição para o conceito de efemeridade o seguinte verbete do Dicionário Houaiss: “que é passageiro, temporário, transitório” que nos serve perfeitamente para situar a disposição do aluno em permanecer estudando música, a

efemeridade está intrínseca em sua prática que em geral, está compromissada apenas com a satisfação pessoal de estar fazendo música.

Segundo o verbete sazonalidade temos a seguinte informação: “qualidade ou estado sazonal”. Por sua vez o significado de sazonal é: “relativo a uma estação do ano; próprio de uma estação; estacional”. Interpretaremos esta informação como os ciclos em que os estudantes permanecem sob a orientação de um professor, sendo que estes podem ser longos ou curtos e geralmente definidos por algum tipo de meta pessoal.

Conforme o verbete referente ao significado psicológico de motivação o léxico estabelece que é o conjunto de processos que dão ao comportamento uma intensidade, uma direção determinada e uma forma de desenvolvimento próprias da atividade individual. Ou seja está diretamente ligada em satisfazer anseios pessoais do estudante, e em nosso caso o tempo despendido para atingir estas metas pessoais, se encontra dentro do tempo livre que seria provavelmente destinado ao lazer do indivíduo.

A partir destes conceitos se dão os desdobramentos do trinômio professor, estudante e objeto, que em nosso caso é a música. Desta relação se estabelecem a metodologia de ensino, os conteúdos a serem abordados, bem como, o repertório e os desafios intrínsecos a sua escolha.

4.1 – O local das aulas

Conforme Bozzetto (1999) “a profissão docente, geralmente, está relacionada com o atuar na escola” (p.84) neste estudo de caso, o espaço que estamos transformando em sala de aula é a casa dos próprios estudantes. Vieira (2009) elenca algumas questões pertinentes à atuação docente neste espaço, entre elas destaco “a entrada no espaço privado alheio” (p.68) onde transformamos este espaço em local de trabalho, no qual a aula “pode estar sujeita às dispersões e distrações, intrínsecas ao cotidiano familiar”.(p.70)

Quando o professor adentra no ambiente em que vive o aluno, ele “experimenta um conhecimento maior sobre a realidade deste, o que possibilitaria uma

compreensão mais ampla daquele que está a sua frente” (Vieira, 2009, p.71). Porém Vieira alerta para a seguinte situação:

Este mesmo professor pode vir a se sentir vulnerável dentro de um espaço no qual não domina as regras, nem tampouco possui ingerência sobre sua dinâmica. Dessa forma, conflitos familiares alheios, atravessando-se no espaço de trabalho, configurar-se-iam como empecilhos para um desenvolvimento mais harmonioso da atividade daquele que atende na casa dos alunos.(Vieira, 2009, p.71)

Neste estudo as aulas foram realizadas na sala, com os estudantes Raquel e Nuno, e no quarto com Douglas. No domicílio de todos os estudantes, o espaço definido para aulas sempre foi respeitado por familiares e funcionários, proporcionando sempre um ambiente bastante tranquilo para lecionar e também estudar. O uso de *internet* para a busca de materiais didáticos, audição de músicas, e visualização de exemplos em canais de vídeos *on-line*, é uma constante nas aulas destes estudantes.

Os três estudantes localizam-se em um estrato social em que lhes torna possível o acesso a instrumentos de alta qualidade além de outros recursos tecnológicos como: *notebooks, tablets, smartphones e mp3 players*.

4.2 – As aulas e o tempo

Assim como estabeleci anteriormente a relação entre o formato das aulas e o ensino de música baseado nos conservatórios, devido ao caráter de atendimento individual, a relação entre as aulas e o tempo utilizado para a realização das mesmas tem o formato de uma hora de aula. Este tempo nem sempre é respeitado por mim de forma exata, pois costumo deixar uma margem para algum assunto que leve mais tempo para ser desenvolvido com o aluno.

Nos três casos estudados, é Raquel que aparentemente está mais preocupada com o horário de término da aula, os outros dois vão deixando que eu controle o tempo, o que geralmente acaba acarretando em minutos a mais a cada classe. Por vezes também tenho a necessidade de modificar o tempo de duração e/ou o horário das aulas dos estudantes, devido a alguma impossibilidade pessoal. Neste caso,

todos são bastante flexíveis em combinar algum outro horário ou algum outro dia para fazer sua aula.

Douglas realizava suas classes às 14 horas das segundas-feiras, Nuno às 14 horas das quartas-feiras e Raquel às 15 horas das quintas-feiras. Os horários normalmente eram cumpridos com pontualidade, e pedidos para trocas de atendimento não aconteciam com frequência e eram facilmente solucionados. O que muitas vezes acontecia era a falta de comunicação das partes, acarretando em aulas não realizadas.

As aulas de guitarra ocupam uma parcela bastante pequena em relação às outras atividades cotidianas dos investigados, Nuno, estudante do primeiro ano do ensino médio, divide seu tempo livre entre as atividades escolares, a prática esportiva e o estudo de música, sendo que o tempo restante é utilizado com atividades de lazer. Raquel, estudante do segundo ano do ensino médio, tem nas atividades relacionadas à escola o uso de grande parte de seu tempo, com o estudo da guitarra ocupando uma parcela menor de seu tempo livre. Douglas, estudante do terceiro ano do ensino médio, concilia as atividades escolares, com o curso pré-vestibular e com a prática do instrumento, que ele reduziu drasticamente ao iniciar o curso preparatório.

Estas variações de tempo/interesse em relação ao estudo do instrumento vai ao encontro com o que vimos anteriormente a respeito da motivação pois a adolescência é “uma fase de muitas e repentinas mudanças”(Vieira, 2009, p. 88) que pode transformar o trabalho em algo pouco estável.

4.3 – Metodologia

Iniciei minha atividade docente no ano de 1999 em uma escola de música em porto Alegre, passados 14 anos após este início, muita coisa mudou em minha prática docente, mas sempre tive como objetivo ensinar efetivamente o que os alunos queriam tocar. Um pouco devido à postura de meu primeiro professor de violão, que estabelecia o que eu precisava tocar, sem nunca escutar algum pedido de minha parte. Acredito que por conta deste episódio, procurei sempre dar aos alunos a liberdade necessária para as suas escolhas em relação ao repertório a ser desenvolvido.

As aulas seguem um modelo híbrido em que me utilizo de técnicas expositivas diretas e indiretas, além da prática com o instrumento, a segunda podemos dividir em objeto e processo. Toda a construção da aula inicia e termina em função do repertório, tornando a vivência do aluno com as músicas que estão sendo tocadas muito intensas. Outros conteúdos musicais que muitos consideram imprescindíveis eu introduzo de forma gradual a prática de meus alunos de instrumento. Quando existe por parte deles um interesse mais concreto em relação a alguma matéria, desenvolvemos com o maior prazer, mas como são alunos que tem objetivos específicos em relação a sua aula de instrumento, procuro não interferir muito com tópicos que lhes possam ser muito densos.

Como materiais de apoio, utilizo o software Guitar Pro, que é um editor de partituras e tablaturas, o *web site* Guitar Backing Track, onde encontramos o áudio dos instrumentos gravados excetuando-se a guitarra. Outro recurso utilizado é o Windows Media player, através de sua ferramenta de controle de velocidade de reprodução, que torna possível a redução da velocidade de execução do áudio, sem interferir na afinação da música. Nuno utiliza muito o software Guitar Pro para tocar junto com a parte da banda que vai sendo executada via MIDI no computador, com o programa ele pode desativar as pistas de guitarra. Raquel e Douglas utilizam mais o recurso do Guitar Backing Track. Os alunos sempre utilizam cadernos ou pastas para guardar o material escrito em aula ou as músicas que foram impressas.

As três metodologias presentes no estudo de caso, foram exclusivamente preparadas tendo em vista as necessidades ou desejos expressados pelos alunos, o que torna o trabalho sempre muito dinâmico pois de uma semana para outra o jovem acaba substituindo seus objetivos, portanto a metodologia desenvolvida para o atendimento de cada aluno é extremamente dinâmica, exigindo do professor um grande conhecimento de repertório, assim como a capacidade em amalgamar os outros conhecimentos correlatos em música. Este formato sempre me pareceu o mais proveitoso ao aluno do que qualquer outro que eu tenha experimentado junto ao repertório em desenvolvimento.

Para Louro et al. (2009) “desenvolver uma metodologia que tenha o aluno, tanto como ponto de partida, como fim do processo pedagógico” (Louro ET AL, in Vieira, 2009, p.96), assim estabelecemos o aluno como parte central do processo de

ensino/aprendizagem. Vieira descreve da seguinte forma esta relação do professor com o aluno, “na medida em que se voltam para o universo dos alunos, os professores de violão são impelidos a atender demandas bastante dinâmicas e específicas”. Reforçando esta ideia Garcia (2010) estabelece o seguinte:

Os assuntos musicais a serem abordados neste contexto partem muito mais do aluno, baseando-se nos seus gostos e ambições musicais. Seus objetivos (nas aulas) são construídos no processo interativo, gerando um processo educativo, e as aulas se tornam possíveis devido a um acordo prévio entre educador e educando, o qual poderá ser quebrado quando os interesses divergirem.(Garcia, 2010, p.1491).

Em relação ao repertório, onde anteriormente eu disse dar atenção especial junto ao aluno, sigo também a prática de lhes apresentar novos repertórios, Vieira (2009) estabelece o conceito de repertório mediado, que está contextualizado da seguinte maneira:

As preferências musicais dos alunos parecem estar condicionadas a fatores estritamente ligados ao meio social em que vivem, à geração a qual pertencem e às questões de gênero. Os professores, por sua vez, possuem graus distintos de interferência nas escolhas do que deve ser trabalhado em aula. Estas interferências são condicionadas à visão que cada um desses professores tem sobre a atividade que desenvolvem; suas inclinações ideológicas, seus preconceitos; enfim, suas visões de mundo. Portanto, o repertório desenvolvido em aula é fruto de negociações entre os professores e seus alunos, mediadas pelos fatores expostos acima, entre outros.(Vieira, 2009, p. 100)

Ao longo de minha trajetória, como professor de música e mais precisamente como professor de instrumento, passei por fases em que experimentei metodologias de ensino das mais diversas, porém, sempre tive como foco, mesmo que intuitivamente, a satisfação dos desejos e anseios dos estudantes em relação ao repertório. Outros conhecimentos musicais podem e devem ser estimulados pelo professor, claro que sempre podemos contar com uma certa oposição à disciplinas em que a guitarra.

Para Louro (2008) “os conhecimentos que o professor pretende ensinar devem estar em diálogo com os significados construídos pelos grupos sociais dos alunos. Assim, por um lado, o conteúdo trazido pelo professor adquire maior significado para o aluno e, por outro, os próprios conteúdos trazidos pelos alunos pode passar a servir de tema para o processo de aprendizagem” (LOURO, 2008, p 100)

Mas é no repertório e em sua escolha que poderemos verificar outras coisas muito importantes que vem a tona junto aos estudantes, segundo Corrêa:

Muitas vezes, o repertório ouvido e tocado por adolescentes pode ser um dos pontos que geram um distanciamento na aula de música, originando preconceito de ambas as partes. Preconceito que geralmente advém de um desconhecimento do próprio professor sobre um determinado tipo de repertório ou sobre uma determinada realidade, que muitas vezes não diz respeito aos educadores; assim como preconceito de jovens em relação a fazer aulas, por desconhecerem o tipo de ênfase e realidade do professor.(Corrêa, 2009, p.37) .

Os outros tópicos abordados na aula de música por mim, são os mais diversos, transitando entre a teoria musical, leitura musical, improvisação, manipulação de sons por meio de softwares, história da música e estética musical. Segundo Garcia (2010) “fica a cargo desses professores a escolha dos temas ministrados e essas escolhas são feitas após a observação dos alunos durante o processo de aprendizagem e desenvolvimento musical”.

5 – MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS, ROTINAS DE ESTUDO

Neste capítulo apresento os dados coletados na pesquisa realizada junto aos três estudantes, bem como também será descrita sua rotina cotidiana, seus interesses e expectativas com relação à música, suas dúvidas, curiosidades e anseios.

Início com um breve relato a respeito dos três participantes, são eles: Douglas, Nuno e Raquel, suas idades são respectivamente 17, 15 e 16 anos de idade. Os três jovens estão inseridos em estrato social amplamente favorável em todos os aspectos, permitindo-lhes acesso ao ensino na rede privada, estudo de idiomas, moradias confortáveis, viagens no período de férias de inverno e verão, viagens de intercâmbio para outros países, acesso a clubes tradicionais da capital gaúcha, possibilidade de adquirir equipamentos de qualidade, acesso a grandes shows (concertos), entre outros.

Os dados coletados na pesquisa compreendem o período entre os meses de junho a outubro de 2013. Nos meses anteriores a junho foi feito o convite a diversos alunos da mesma faixa etária, cinco confirmaram a participação, porém dois pararam de fazer aulas comigo antes mesmo do início da coleta de dados. O motivo alegado para a interrupção das aulas foram à intensa carga de tarefas advindas do colégio, o que segundo um dos alunos impediria dele dedicar mais tempo ao estudo de guitarra. Do outro aluno eu percebi certo desconforto em ter sua aula como objeto de pesquisa e acredito que para não se criar uma situação constrangedora com uma provável recusa, ele optou em encerrar as classes comigo.

5.1 – Os participantes

Logo após a definição da faixa etária que seria observada, comecei a convidar os alunos que se encaixavam no perfil. Apesar de algumas desistências em relação ao então projeto de pesquisa, três alunos confirmaram sua participação e este número foi considerado suficiente para se realizar o estudo de caso pretendido.

Os três alunos sentiram-se bastante motivados em participar, colocando-se à inteira disposição para as atividades de coleta, bem como em deixar que eu anotasse

tudo o que considerasse relevante em suas atividades comigo. Os responsáveis também foram devidamente comunicados sobre o trabalho que seria realizado e se colocaram a disposição do que fosse preciso para o prosseguimento da pesquisa.

5.1.1 – Douglas

Douglas, dezessete anos, iniciou as aulas de violão em março de 2012. Seus principais interesses musicais estavam voltados para bandas de rock inglesas Oasis e The Beatles. Sempre dedicado, rapidamente superou o período de adaptação aos novos movimentos propostos para sua mão esquerda. A partir do momento em que começou a sentir maior segurança em relação a sua mão esquerda, surgiu um questionamento que aparentemente lhe deixava bastante desconfortável em relação a sua performance das músicas, a pergunta era: “e a batida, *sor?*”¹.

Sua preocupação com o desenvolvimento de maiores habilidades com a mão direita levou-me a trabalhar insistentemente até conseguir resultados que ele considerasse mais consistentes. Em julho de 2012 Douglas ganhou um violão ficando mais motivado, pois o presente era diferente de seu instrumento anterior. A diferença estava no encordoamento, já que o violão antigo era encordado com cordas de nylon e o que ele havia ganho de presente com cordas de aço, o que aproximava muito a sonoridade com a de seus artistas favoritos.

Alguns meses depois Douglas ganhou uma guitarra elétrica, o repertório abordado continuou bastante similar, porém comecei a introduzir músicas de outras bandas inglesas como The Who e Pink Floyd. Na apresentação ocorrida em outubro de 2012, Douglas foi bastante seguro e se divertiu bastante em sua performance.

Em 2013 estamos trabalhando repertórios cada vez mais voltados à guitarra elétrica, destacando-se Led Zeppelin, Chuck Berry, U2 e Pink Floyd. Ampliou seu repertório, assim como suas capacidades técnicas para a execução das obras escolhidas, estabelecendo um novo patamar em seu desenvolvimento musical.

Durante o ano de 2013, Douglas desenvolveu bastante suas demandas técnicas o que lhe permitiu ter acesso a repertórios musicalmente mais complexos, além do interesse em conhecer sobre equipamentos e acessórios do instrumento,

como: amplificadores, pedais, pedaleiras, softwares, interfaces Analógico/Digital, cordas, captadores, entre outros.

As aulas foram realizadas até o mês de agosto, pois dia vinte do referido mês Douglas iniciou as aulas no curso pré-vestibular o que lhe obrigou a suspender as aulas de guitarra até o término do período de realização do vestibular da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RS) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Apesar da dedicação que tinha de ter com os estudos para poder concorrer a uma vaga nas universidades, Douglas se comprometeu em se apresentar junto com seus colegas em outubro do mesmo ano. Encontramo-nos três vezes antes da apresentação, os encontros serviram basicamente para tirar pequenas dúvidas pois o estudante mantinha o repertório devidamente em dia, tocando-o em casa durante seus momentos de tempo livre. Sempre muito engajado, Douglas tocou duas músicas na apresentação de outubro, cabendo a ele o encerramento do show.

5.1.2 – Nuno

Nuno, quinze anos, iniciou suas aulas de instrumento (guitarra elétrica) em outubro de 2011 por indicação de outro aluno. Suas primeiras aulas foram para ele e para seu irmão Mike, este considerou muito difícil a prática do instrumento além de ter outros objetivos pessoais que conflitavam com o tempo e a dedicação necessária para seu desenvolvimento musical, optando assim em não estudar música em seu tempo de lazer.

Nuno já tocava violão e um pouco de guitarra, mas considera-me como seu primeiro professor de guitarra. Seus interesses musicais estavam ligados a basicamente duas bandas, Avenged Sevenfold e Gun's and Roses, além de músicas da carreira solo do guitarrista desta última, Slash. A partir desta linha de repertório comecei a apresentar a Nuno o trabalho de outros guitarristas e bandas importantes no cenário do Rock internacional. Em 2012 trabalhamos obras de Joe Satriani, Dick Dale, Led Zeppelin, Rush, AC/DC e Extreme, além dos já citados Avenged Sevenfold e Gun's and Roses.

Aluno extremamente dedicado, rapidamente desenvolveu grande domínio técnico do instrumento, permitindo-lhe ter acesso a repertórios cada vez mais complexos. Na apresentação de outubro de 2012 tocou com bastante segurança. Os reflexos desta apresentação deixaram seus pais muito satisfeitos e com o interesse de proporcionar um maior desenvolvimento musical de seu filho, resolveram investir em um instrumento de melhor qualidade. Nuno já percebe e admite que o novo instrumento lhe proporciona muitas possibilidades e “dá muito mais vontade de ficar tocando”¹.

Em 2013 temos focado seu repertório em duas influentes bandas de Hard Rock dos anos noventa, o Extreme e o Mr.Big, além do repertório setentista dos canadenses do Rush. O desafio estabelecido pelo repertório que vem sendo estudado tem sido incrível, já que todos são guitarristas altamente virtuosos. O crescimento de Nuno tem sido muito acentuado e sua dedicação vem sendo realmente grande. Os pais me comentaram que o ano de 2013 tem sido muito intenso, com Nuno participando de diversas atividades esportivas e culturais.

Seus desenvolvimentos técnico e musical foram notáveis, no percurso deste ano letivo, a predisposição do aluno em estudar um repertório bastante complexo, aliado a sua regularidade na prática do instrumento o levaram a atingir um nível muito alto no que refere a execução da guitarra. Após a apresentação realizada em outubro, iniciamos estudos a respeito de harmonia e improvisação. Vale ressaltar que Nuno divide seu tempo estudando guitarra elétrica e violão, sendo que em muitos períodos o segundo é o instrumento mais tocado por ele.

5.1.3 – Raquel

Rachel, dezesseis anos, iniciou suas aulas de violão sob minha orientação em junho de 2011, juntamente com seu irmão Ubiratan, que assistiu cerca de dois meses de aula e por motivos de interesse pessoal decidiu se dedicar mais a práticas desportivas. Rachel por sua vez seguiu normalmente com suas aulas, assistindo-as inclusive no período do verão, ausentando-se por pouco tempo da capital para viagens de férias.

Após passar pelo período de familiarização com o instrumento a aluna demonstrou uma evolução bastante rápida em suas capacidades técnicas e de compreensão musical, como por exemplo sua independência na leitura de tablaturas, bem como sua quase que total autonomia com acordes com poucas dissonâncias na leitura de música cifrada. Iniciamos o ano de 2012 estabelecendo que a meta a ser atingida seria a apresentação realizada no mês de outubro no Teatro Bruno Kiefer na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ). A partir de julho do mesmo ano nos concentramos em selecionar o repertório a ser tocado, e prepará-lo para os ensaios e a posterior apresentação pública.

Cumprida esta etapa com êxito, a partir de novembro Rachel me pediu para aumentar a complexidade do repertório abordado em aula, já que ela queria tocar músicas “com uns dedilhados sabe!”. Iniciamos um trabalho com objetivo de conhecer as notas em diferentes posições da escala do instrumento, além de nos concentrarmos no estudo de técnicas específicas do violão. Após algumas aulas, Rachel apontou que estava tendo dificuldades com os novos conteúdos e me pediu que alternássemos esta nova prática com o trabalho de auto-acompanhamento que realizávamos antes, pois, sentia-se mais segura e produtiva.

Em fevereiro de 2013, Rachel adquiriu uma guitarra elétrica, e passamos gradualmente a trabalhar técnica e repertório específicos do instrumento. Sua prática com a guitarra tem sido cada vez maior e com a proximidade de nossa apresentação que acontecerá em outubro do corrente ano, sua segurança na execução com o instrumento está cada vez maior, acumulando repertório de bandas novas como: The Strokes, Arctic Monkeys, The Kooks, John Mayer, entre outros.

Raquel teve um excelente ano letivo, desenvolvendo diversas demandas técnicas e musicais que não se limitaram a guitarra elétrica, a estudante dividiu seu tempo destinado à prática musical para o estudo do violão e da guitarra, sua rotina de estudos causou impacto direto em sua capacidade de controlar as variáveis inerentes a performance ao vivo. Tendo sempre o repertório como foco, Raquel construiu por meio das obras estudadas diversas competências técnicas em ambos os instrumentos, elevando sua compreensão musical do repertório e do processo de construção das demandas técnicas necessárias.

5.2 – A Apresentação

Durante minha trajetória como docente, acabei estabelecendo o que eu não gostaria de ver em uma apresentação de alunos. No caso específico da música popular, acho que estas apresentações devem lembrar ao um show, onde os alunos são as estrelas daquele momento. Fugindo assim de modelos utilizados em apresentações de conservatórios ou escolas privadas de música.

No formato que idealizei para meus alunos, procuro colocar uma banda a disposição dos alunos para os dia de ensaio e apresentação. Em 2013 a banda que foi formada contava com: bateria, baixo, teclado, guitarra e vocal. A ideia de montar pequenos grupos de alunos acabou ficando para trás porque se tornou muito difícil conciliar os horários livres de todos os estudantes.

O espaço utilizado para a apresentação foi o Salão *///ex* da Microcervejaria Dado Bier, o espaço foi gentilmente cedido pelo proprietário. O espaço recebeu aproximadamente 150 pessoas para assistir a apresentação de 13 alunos de violão e guitarra, que tocaram durante o show um *setlist* formado por 16 canções dos mais diversos estilos.

5.3 – Escolhendo o Repertório

No presente estudo a escolha do repertório foi uma parte bastante delicada dentro do processo pois ficava sempre um questionamento em relação a esta definição, como escolher apenas duas músicas dentro de todo o universo que os três jovens gostariam de trazer ao público?

A definição do repertório a ser tocado na apresentação de final de ano, foi pauta dos debates do mês de agosto, principalmente com Raquel e Douglas, que se ausentaram durante boa parte do mês de julho. Nuno que permaneceu na cidade definiu suas músicas em julho e já as tinha, praticamente prontas no fim do mês de agosto. A indefinição por parte dos outros dois estudantes teve data limite fixada em 02 de setembro, pois faltariam menos de 50 dias para o evento.

Observei com bastante interesse uma dúvida que pairava sobre este assunto, pois escolher uma música, tanto Raquel quanto Douglas já o haviam feito há algum tempo. Porém, ao saber da possibilidade de poder tocar mais uma música, uma indecisão bastante duradoura se abateu sobre ambos, acredito que pela vontade de tentar manter o bom nível em suas duas apresentações.

As músicas escolhidas por Nuno foram “*Rest in Peace*” e “*Politicalamity*”, ambas da banda de *hard rock* americana Extreme. Raquel escolheu uma música da banda britânica Arctic Monkeys chamada “*Mardy Bum*” e “*My Stupid Mouth*” canção do guitarrista e compositor americano John Mayer. Douglas elegeu duas canções de bandas inglesas para apresentar ao público, foram elas “*Wish You Were Where*” do Pink Floyd e “*Helter Skelter*” dos The Beatles.

5.3.1 – Dificuldades em relação ao repertório

Cada uma das seis músicas escolhidas pelos alunos guarda alguma dificuldade específica que precisou ser superada por eles. O repertório escolhido por Nuno exige muito virtuosismo instrumental, como podemos ver nos trechos a seguir onde temos muitas variantes rítmicas, e também o uso de técnicas muito avançadas de mão direita:



Figura 1: Rest in Peace – Extreme

Neste trecho podemos observar o uso de diversas articulações que a mão esquerda deve fazer, além de apresentar novas dificuldades para a mão direita.



Figura 2: Rest in Peace – Extreme

Porém na outra canção as dificuldades técnicas são outras, como verificaremos na próxima figura, o uso de *muted notes* em meio as outras notas articuladas pela mão direita:



Figura 3: Politicalamity – Extreme

Ao prepararmos o acompanhamento desta canção, Nuno teve de lidar com uma das facetas da banda escolhida, a fusão entre elementos do funk americano dos anos 70 com o hard rock dos anos 80. A parte rítmica da guitarra lembra sonoridades de funk do final dos anos 70, o que foi uma novidade bastante grande para o estudante.

Figura 4: Politicalamity - Extreme

O solo desta música exigiu que Nuno desenvolvesse outra demanda técnica que seria a de sua sonoridade em notas longas, pois o solo não tem muitas notas rápidas, mas o compositor desenvolve uma linha melódica muito lírica e que deve ser muito bem cantada pela guitarra, o que muitas vezes instrumentistas mais jovens não conseguem fazê-lo de forma convincente, mas o resultado obtido por Nuno foi excelente. A seguir o trecho referido:

Se fait en 22 - 24 - 24Bend 1/2 - 24 Si vous avez 24 cases,

De l'a peu pres, dur a transcrire mais a l'oreille vous ne devriez pas avoir de mal ... :o)

Figura 5: Politicalamity - Extreme

Raquel escolheu duas canções com dificuldades pontuais, uma com um solo na introdução e outro no meio da música, e outra tocada no violão com ritmos bastante ricos para a mão direita, além de construções de acordes ainda não vistas por ela.

A primeira música estudada foi a que continha os solos de guitarra, devido a insegurança por parte dela em fazer estas passagens melódicas em público, o que foi sendo pouco a pouco desconstruído devido as performances em aula da música eleita. O nome da canção é Mardy Bum e a seguir podemos observar as partes de guitarra da composição.



Figura 6: Mardy Bum – Arctic Monkeys - Introdução



Figura 7: Mardy Bum – Arctic Monkeys – Solo

A segunda música escolhida por Raquel é a do guitarrista americano John Mayer, o jovem compositor estudou música na Berklee College of Music, utilizando-se de harmonias sofisticadas, arranjos muito bem pensados, além de uma execução

ao instrumento primorosa. A obra chama-se *My Stupid Mouth*, e foi composta para o disco *Room For Squares*.



Figura 8: My stupid mouth – John Mayer

Abaixo o contracanto feito pela segunda guitarra simultaneamente a linha que temos logo acima.

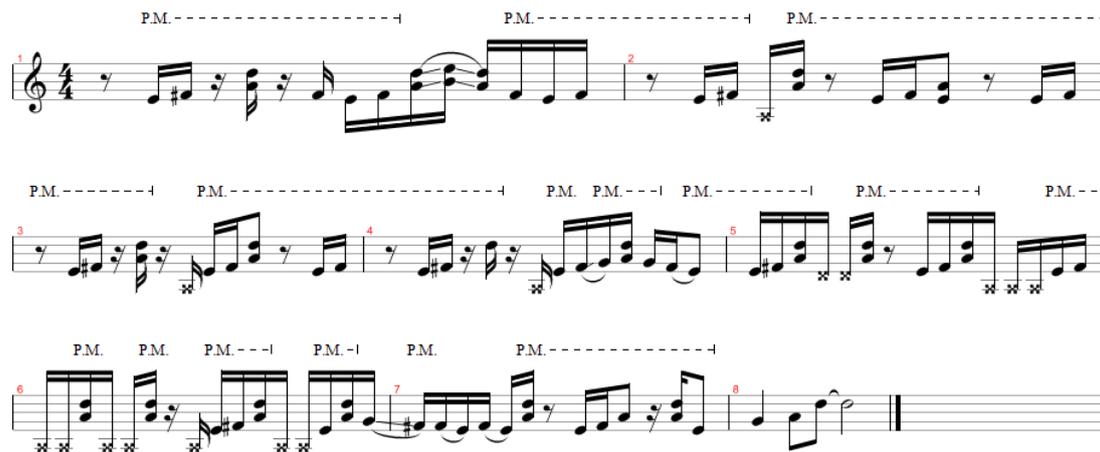


Figura 9: My stupid mouth – John Mayer

Cabe a nós também uma observação atenta sobre o desenho que a segunda guitarra torna a fazer no pré-refrão e refrão, a estrutura em arpejos é muito criativa e deixa o arranjo mais leve em relação à parte desempenhada pelo violão nestas duas seções.



Figura 11: Wish you Were Here - Pink Floyd

A seguir a parte em que Douglas faz seu solo no violão, e na segunda estrofe ele cantou a voz principal.



Figura 12: Wish you Were Here - Pink Floyd

Helter Skelter finalizou nossa apresentação no Dado Bier e foi uma verdadeira viagem sonora, pois ao final nos permitimos improvisar livremente sobre um pedal em Mi maior. A execução desta música foi impactante para todos, plateia e músicos puderam celebrar juntos no final.

Figura 13: Helter Skelter – The Beatles

Douglas além de cantar toda uma parte da canção, fez questão de tocar o solo para ele. Abaixo trecho do refrão e o solo de guitarra.

Figura 14: Helter Skelter – The Beatles

5.4 – O tempo e o cotidiano

Nesta parte apresento os dados referentes ao tempo dos estudantes de segunda a sexta-feira, para que tenhamos uma noção de como eles organizam o seu tempo. As tabelas terão um tempo aproximado, para mera comparação visual. Os dados mais exatos serão expostos em textos logo após os gráficos para que seja possível constatar como se dá a utilização do tempo pelos adolescentes pesquisados em seu cotidiano. Adotarei a seguinte legenda para interpretarmos as informações presentes nos quadros:

Livre
Escola/Trabalho
Social
Esporte
Alimentação
Cuidados pessoais
Deslocamentos
Sono

Quadro 1 - Legenda

O primeiro quadro refere-se à organização do tempo a que Nuno está submetido:

	Segunda – Feira	Terça - Feira	Quarta - Feira	Quinta - Feira	Sexta – Feira	
06:00						
06:30						
07:00						
07:30	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	
08:00						
08:30						
09:00						
09:30						
10:00						
10:30						
11:00						
11:30						
12:00						
12:30						
13:00		Almoço			Almoço	
13:30	Almoço	Livre	Almoço	Almoço		
14:00	Livre		Aula de guitarra		Aula de inglês	
14:30						
15:00		SOGIPA	SOGIPA	SOGIPA		
15:30						
16:00	Lanche				Livre	
16:30	Livre					
17:00						
17:30						
18:00						
18:30			SOGIPA		Lanche	Lanche
19:00					Lanche	
19:30				Livre	Livre	
20:00						
20:30						
21:00		Jantar	Jantar	Jantar	Jantar	Jantar
21:30						
22:00	Livre	Livre	Livre	Livre	Livre	
22:30						
23:00						
23:30						

Quadro 2: Horários de Nuno

Quando iniciamos as aulas de guitarra, Nuno já estava acostumado a conciliar seu tempo de trabalho/escola com sua participação na equipe de tênis da Sociedade Ginástica de porto Alegre (SOGIPA), o que fizemos foi acrescentar outro elemento a divisão do tempo utilizado por ele em sua semana.

A análise do uso do tempo destes jovens, parte dos dados que eles informaram em entrevista, abrangem o período de segunda a sexta-feira e os valores são absolutos dentro da medida dos próprios objetos desta pesquisa, os estudantes.

O primeiro dado a ser computado é o tempo de descanso frente ao tempo utilizado em atividades. Das 120 horas compreendidas no período, Nuno utiliza em média 35 horas em seu descanso e 85 horas em atividades, representando 7h/dia e 17h/dia respectivamente. Os cuidados pessoais (higiene, cuidados médicos, necessidades fisiológicas, etc) representam em média 5 horas semanais ou 1h/dia, já os deslocamentos são realizados todos utilizando automóvel e totalizam em média 3 horas e meia por semana, média de 42 min/dia e a alimentação ocupa em média 6 horas semanais, 1h e 15min/dia. A atividade esportiva ocupa em média 7 h e 30 minutos por semana, média de 2h e 30min/dia, acrescida de uma permanência de 2 horas e 30 minutos em atividade social no clube nas quartas-feiras.

Finalmente chegamos aos dados que mais interessam nossa pesquisa, o tempo de trabalho/escola e o tempo livre. O estudante permanece na instituição escolar 25 horas semanais, uma média de 5 h/dia, o tempo livre representa uma fatia de 29 horas e 45 minutos semanais ou 5h e 57min/dia. Nuno contou que utiliza o tempo livre para assistir televisão, jogar *video game*, acessar a *internet* via *smartphone* ou pelo computador e tocar guitarra e violão. O estudo do instrumento totaliza 11 horas semanais, 1 hora referente a aula de instrumento e uma média de 2h/dia praticando violão e guitarra.

Chama a atenção o estudante não colocar atividades escolares dentro do tempo livre, ao ser questionado a respeito ele disse que “...não tem tema, e presto a atenção na aula, este ano tenho achado fácil...”, fato constatado também pelos pais, segundo eles ele conseguiu desempenhar muito bem suas três principais atividades: escola, esporte e música.

O próximo quadro representa a organização do tempo utilizado por Raquel em sua semana:

	Segunda - Feira	Terça - Feira	Quarta – Feira	Quinta - Feira	Sexta – Feira	
06:00						
06:30						
07:00						
07:30	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	
08:00						
08:30						
09:00						
09:30						
10:00						
10:30						
11:00						
11:30						
12:00						
12:30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Livre	
13:00	Livre	Escola	Livre	Aula de guitarra	Almoço	
13:30	Academia		Academia		Live	Livre
14:00						Livre
14:30	Aula de inglês		Aula de inglês		Live	Aula de canto
15:00						Aula de canto
15:30	Aula de inglês	Aula de inglês	Live	Live		
16:00						
16:30	Aula de inglês	Aula de inglês	Live	Live		
17:00						
17:30	Aula de inglês	Aula de inglês	Live	Live		
18:00						
18:30	Livre	Livre	Livre	Casa do Avós	Jantar	
19:00	Livre	Livre	Livre			
19:30	Livre	Livre	Livre			
20:00	Jantar	Jantar	Janta	Casa do Avós	Jantar	
20:30	Livre	Livre	Livre			Livre
21:00						
21:30	Livre	Livre	Livre	Livre		
22:00						
22:30	Livre	Livre	Livre	Livre		
23:00						
23:30						

Quadro 3: Horários de Raquel

Das 120 horas do período, o tempo utilizado com descanso e atividade é respectivamente, 38 horas e 45 minutos por semana de repouso, contra 81 horas e 15 minutos preenchidos com atividades. Raquel não informou de maneira exata o tempo gasto com cuidados pessoais, mas acredito que deva ser algo em torno de 1h/dia. Os deslocamentos são feitos de automóvel, porém as distâncias são bastante curtas acarretando em um tempo médio de 24 min/dia, 2 horas semanais.

A alimentação ocupa aproximadamente 9 horas e 10 minutos por semana, estabelecendo assim uma média de 1h e 50min/dia. A atividade esportiva ocorre duas vezes na semana em períodos de 1h/dia. Raquel listou duas atividades sociais regulares, o jantar com a presença de todos os primos na casa da avó materna nas quintas-feiras e o jantar e saída para festas com as amigas nas sextas-feiras.

O tempo de permanência na instituição escolar é de 27 horas semanais, uma média de 6h e 24min/dia. O tempo livre totaliza 25 horas semanais, com uma média de 5 h/dia, das quais ela utiliza 2h/dia à 3h/dia para realizar tarefas escolares(trabalhos, temas e estudar para provas), 45 min/dia para tocar violão/guitarra e o restante do tempo assistindo televisão e acessando a *internet* via *smartphone*, *tablet* ou computador.

Em contraponto com o tempo livre de Nuno, Raquel destina quase metade de seu tempo livre com atividades vinculadas à escola, isto quando não existem atividades escolares que demandam sua presença na instituição em dias e horários diversos aos que foram informados neste estudo.

Nossa próxima análise, é um caso especial, pois nos apresenta a modificação da organização do tempo de um estudante em seu último ano no ensino médio. A mudança de perspectiva dos objetivos é bastante clara observando os dois quadros de organização do tempo do estudante.

Como comentado anteriormente, a organização do tempo de Douglas sofreu uma drástica mudança no mês de Agosto em virtude de seu ingresso no curso de preparação para o concurso vestibular, fazendo-se necessária a análise de seu tempo antes e depois deste marco temporal.

Não houveram alterações no tempo destinado a repouso/atividade entre os dois períodos, então as médias são as seguintes: 37 horas e 30 minutos semanais de repouso, média de 7h e 30min/dia e 16 h e 30min/dia correspondentes às 82 horas e 30 minutos semanais destinados a atividades.

Permaneceram também praticamente inalterados os tempos médios gastos com cuidados pessoais de 1h/dia e alimentação 1h e 30min/dia. O tempo de permanência na instituição de ensino regular permaneceu o mesmo: 24 horas e 35 minutos por semana, média de 4h e 55min/ dia. A grande alteração se deu no tempo

livre, que reduziu de 39 horas semanais (7h e 48min/dia) para 17 horas semanais que correspondem a uma média de 3h e 30min/dia.

Esta alteração ocorreu devido ao acréscimo de 22 horas semanais dedicadas ao curso pré-vestibular, média de 4h e 24min/dia. O tempo de deslocamento também foi modificado devido ao regresso a sua casa utilizando transporte público em quatro dias da semana, Douglas utilizava antes uma média de 5 horas semanais (1h/dia) nos seus deslocamentos. Depois de agosto este tempo passou a ser de 7 horas semanais (1h e 24 min/dia).

No primeiro semestre, Douglas ocupava seu tempo livre com: horário de descanso depois do almoço, utilizar internet por meio de *smartphone* e computador, assistir televisão, tocar violão/guitarra, realizar atividades referentes à escola e sair com a namorada. A prática do instrumento ocupava aproximadamente 4 horas e 10 minutos semanais (50min/dia) mais 1h de prática ao sábado e 1 hora de aula comigo. No segundo semestre as aulas de violão/guitarra foram suspensas devido a dificuldades com o horário do curso pré-vestibular.

Os quadros com a organização do tempo de Douglas antes e depois de 20 de Agosto, se encontram nas próximas duas páginas.

	Segunda – Feira	Terça – Feira	Quarta – Feira	Quinta - Feira	Sexta – Feira	
06:00						
06:30						
07:00						
07:30	Escola					
08:00						
08:30						
09:00						
09:30						
10:00						
10:30						
11:00						
11:30						
12:00						
12:30						
13:00	Almoço					
13:30	Livre					
14:00						
14:30						Aula de Guitarra
15:00						
15:30						
16:00						
16:30						
17:00						
17:30						
18:00						
18:30						
19:00						
19:30	Jantar					
20:00						
20:30						
21:00	Livre					
21:30						
22:00						
22:30						
23:00						
23:30						

Quadro 4: Horários de Douglas até 20 de Agosto

	Segunda - Feira	Terça - Feira	Quarta - Feira	Quinta - Feira	Sexta - Feira
06:00	[Preto]				
06:30	[Preto]				
07:00	[Púrpura]				
07:30	[Amarelo]				
08:00	[Amarelo]				
08:30	[Amarelo]				
09:00	[Amarelo]				
09:30	[Amarelo]				
10:00	[Amarelo]				
10:30	[Amarelo]				
11:00	[Amarelo]				
11:30	[Amarelo]				
12:00	[Amarelo]				
12:30	[Púrpura]				
13:00	[Amarelo]				
13:30	[Lavanda]				
14:00	[Amarelo]				
14:30	[Amarelo]				
15:00	[Amarelo]				
15:30	[Amarelo]				
16:00	[Amarelo]				
16:30	[Amarelo]				
17:00	[Amarelo]				
17:30	[Púrpura]				
18:00	[Púrpura]				
18:30	[Púrpura]				
19:00	[Verde]				
19:30	[Verde]				
19:30	[Amarelo]				
20:00	[Amarelo]				
20:30	[Vermelho]				
21:00	[Vermelho]				
21:30	[Vermelho]				
22:00	[Verde]				
22:30	[Verde]				
23:00	[Verde]				
23:30	[Verde]				
	[Preto]				

Quadro 5: Horários de Douglas após 20 de Agosto

5.5 – Por quê? Quando? Como? Perguntas e respostas sobre a prática musical dos jovens observados...

Nesta parte farei um contraponto entre as respostas de Raquel, Douglas e Nuno para uma entrevista coletada cerca de três semanas após nosso concerto no Dado Bier, as transcrições encontram-se anexadas ao trabalho para qualquer dúvida que possa surgir ao leitor.

A primeira questão levantada junto aos entrevistados foi como tinha sido seu primeiro contato com o ensino de música e onde havia ocorrido, Raquel tinha a lembrança mais remota e lembrou de sua passagem em uma turma de educação infantil anterior ao colégio onde estuda atualmente, segundo ela “na escola [educação

infantil] quando eu tive aula lá desde pequena” porém ela também ressaltou que “mas daí o primeiro instrumento que eu aprendi...não realmente aprendi foi flauta doce no colégio [ensino fundamental]”, Douglas foi bastante objetivo quando recordou de sua iniciação musical “na primeira série do ensino fundamental...foi bom, comecei tocando flauta” o relato mais dissonante em relação aos outros coube a Nuno, segundo ele “hã...nunca fui incentivado pelo colégio”, refiz a pergunta de outra maneira e ele recordou que “era mais a coreografia de uma apresentação de dança” perguntei então se o seu primeiro contato tinha sido quando ele começou a tocar um instrumento, a resposta foi afirmativa e se deu em uma escola de música dentro da SOGIPA.

A segunda pergunta foi referente ao por que tocar um instrumento musical, na resposta de Raquel percebe-se que ela tinha muito interesse antes de iniciar suas aulas “...acho que é interessante tu saber tocar algum instrumento...eu queria sempre ter este conhecimento”, Douglas declarou que queria atingir um “maior aprofundamento musical” enquanto Nuno definiu que tinha interesse em “uma atividade extra que...legal !!!”.

Após estas respostas, lhes perguntei por que escolheram o violão ou a guitarra. Raquel deu a seguinte declaração “eu sempre gostei e é legal tipo assim tu pode pegar numa roda e tocar”, Douglas não esconde sua predileção ao afirmar que o motivo de escolher o violão era “vontade antiga...gosto pela música acústica” já Nuno elabora da seguinte forma “mais pelo que eu escutava na época” finalizando com a seguinte declaração “é que eu gosto mais dos instrumentos de cordas”.

A questão seguinte tinha o objetivo de descobrir como eles haviam chegado ao meu nome como professor de instrumento, Raquel lembrou que me descobriu “pelo Denis, foi indicação do Denis”, já Douglas chegou a mim por causa de “vizinhos que faziam aula com o senhor”, Nuno não foi muito diferente e sentenciou: “que eu me lembre foi o teu ex-aluno que era conhecido dos meus pais”.

A seguir lhes indaguei quais eram suas expectativas em relação às aulas e que objetivos pretendiam atingir. Raquel construiu sua ideia da seguinte forma: “conseguir assim...pegar uma música assim...em um site de cifras e tocar...esse era o meu objetivo inicial, mas agora é sempre tentar aprender uma coisa nova”. Douglas por sua vez diz que seu objetivo era “ter experiências com diferentes timbres musicais pra que possa definir o que mais me dá gosto”, contudo Nuno em sua resposta aborda

um tema amplamente discutido por Garcia (2010): “conseguir melhorar minha técnica...sei lá...aprender música eu consigo aprender sozinho, mas na aula eu tento o mais difícil”.

Chegamos nas próximas questões a pontos centrais do trabalho. São eles respectivamente: a forma como os alunos estudam em suas casas, qual a periodicidade deste estudo, como eles poderiam melhorar a sua prática musical/instrumental e finalmente como o estudo está articulado frente às outras atividades cotidianas dos estudantes.

Com relação à forma como conduzem seus estudos, Raquel nos disse “eu pego a cifra ou a tablatura ...e eu pego o meu violão e sento no meu quarto e fico tocando até ficar bom...”, por sua vez Douglas disse que estuda o repertório “ouvindo a música e praticando, um sem o outro não dá certo” entretanto induzido por mim lembrou que utilizava “...backing tracks quando tocava músicas em que fazia solos...” e Nuno finaliza esta questão da seguinte forma: “tipo...eu escuto a música pra pegar o estilo do guitarrista e ai depois eu fico milhões de vezes lá no guitar pro tocando e escutando”. A periodicidade já foi vista anteriormente na análise dos quadros com os horários dos estudantes e tem os seguintes números durante a semana: Raquel 45min/dia, Douglas 50min/dia e Nuno 2h/dia.

O questionamento feito sobre como eles poderiam melhorar sua prática no instrumento gerou respostas bastante distintas, Raquel comenta que poderia melhorar utilizando “o Guitar pro pra tocar junto... pegar o ritmo original ou tocar com a gravação”, por outro lado a percepção de Douglas é de que precisa ter “mais horas de prática e mais estudo de técnica”, por sua vez Nuno vai por um caminho não vislumbrado pelos outros “acho que saber ler partitura já melhoraria bastante”, então lhe perguntei por que, e ele respondeu o seguinte “porque ela é mais aberta, mais ampla, tipo mais que tablatura...e tocar a parte do piano...sei lá...”.

A última questão tem objetivo de verificar como se estabelece a relação do estudo de instrumento frente suas atividades cotidianas, isto é muito importante neste trabalho, verificar como se estabelece esta relação de valores por parte dos alunos e indiretamente pela família. Raquel afirmou “consigo articular numa boa” e seguindo esta linha de respostas curtas temos Douglas declarando “consigo conciliar sem nenhum problema ou atrito”. Por sua vez Nuno desenvolve mais a resposta, nos dando um panorama de seu estudo “quando eu to mais perto...tipo...do teu show eu toco

mais, quando eu to mais perto de um torneio de t nis eu treino mais, se eu to perto de uma prova eu estudo mais”.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar a rotina de estudo de instrumento dos participantes e delimitar possibilidades de intervenção pedagógica em prol dos alunos de forma mediada e personalizada, com o intuito de se atingir o melhor resultado de acordo com a disponibilidade do aluno.

A partir do estudo minucioso do tempo cotidiano dos participantes, temos condições de elencar e escolher a forma mais adequada de atuação junto a cada aluno, pois o uso do tempo é totalmente distinto entre eles, portanto o direcionamento que o professor pode dar a eles em relação ao tempo destinado ao estudo de música pode otimizar demais os resultados alcançados pelos estudantes. Esta seria a aplicação mais prática da pesquisa realizada.

Do ponto de vista sociológico, aproximar do professor de música e de outros docentes, a estrutura organizacional da vida do estudante ajuda a quebrar um pouco os paradigmas da falta de interesse ou da falta de vontade dos alunos em relação aos estudos, pois considero que é essencial observar como os estudantes podem utilizar melhor o tempo que destinam as atividades fora do tempo de trabalho/escola. Assim como os resultados verificados em relação ao estudo de música podem e devem ser amplamente utilizados a favor dos alunos. A mesma análise temporal e posterior tomada de atitude, pode ser feita por outras áreas de conhecimento, provocando assim uma tendência de elevação na aquisição de capital cultural em outras áreas de conhecimento além da sensibilização do estudante frente a novos interesses intelectuais. O trabalho do professor passa a ser também o de mediar a ação do aluno dentro de seu próprio tempo, fazendo com que ele o aproveite da melhor maneira possível.

Espero que esta pesquisa consiga contribuir para que as experiências dos alunos envolvidos sejam ouvidas, e também contrapor as impressões que eles têm de seu engajamento e as considerações que podem ser feitas em relação ao seu desenvolvimento musical. Provocando a partir destes relatos uma mudança de postura por parte dos docentes, pois o ensino é um sistema dinâmico onde os agentes estão em constante movimento de atração e repulsão, tornando necessária sempre uma ação construtiva e atrativa por parte do docente que não deve tornar a ação de

ensino centralizada nele e sim ele, docente, deve orbitar entre os interesses dos estudantes para que estes se sintam estimulados o suficiente a ponto de uma verdadeira reação em cadeia acontecer. A troca entre estudante e ensinante, onde esta relação hierárquica se dispersa e existe apenas o interesse pelo intercâmbio de conhecimentos e experiências.

Devido à ampliação e diversificação dos espaços onde o ensino de música se faz presente, analisar as experiências desta modalidade de ensino a qual me encontro inserido há tanto tempo, pode ser enriquecedora para os jovens professores de música que estão ingressando no mercado de trabalho e que muitas vezes podem se deparar com oportunidades desta natureza.

Acredito que oportunizar a reflexão e posterior discussão sobre esta modalidade de ensino, poderá trazer benefícios diretos aos professores que ingressam no mercado de trabalho e que podem se deparar com a necessidade de lecionar na casa dos alunos. As bibliografias sobre o assunto são ainda escassas, no Brasil, e ampliar a discussão a respeito pode ser uma forma de induzir novas pesquisas em torno deste tema e conseqüentemente a ampliação do material escrito disponível.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. "Le trois états du capital culturel". Actes de la recherche en sciences sociales. trad. Magali de Castro. Paris, vol. 30, 1979. p.3-6.
- BOZZETTO, Adriana. O professor particular de piano em Porto Alegre: Uma investigação sobre processos identitários na atuação profissional. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música, UFRGS, Porto Alegre, 1999.
- CORRÊA, Marcos Krönig. Discutindo a autoaprendizagem musical. In Aprender e ensinar música no cotidiano, org. Jusamara Souza. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.
- DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. Trad. Jacó Guinsburg e Sílvia Mazza. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1999.
- FERREIRA, Camila Lopes. Trabalho, Tempo Livre e Lazer: uma reflexão sobre o uso do tempo da população brasileira. Dissertação(Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UTFPR, Ponta Grossa, 2010.
- GARCIA, Marcos da Rosa. O ensino de guitarra elétrica no contexto das aulas particulares. *Anais do 19º Congresso Nacional da ABEM*, Goiânia, p.1487-1496, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, Editora Objetiva, São Paulo, 2007
- LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- PRONOVOST, Gilles. Introdução à sociologia do lazer. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.
- VIEIRA, Alexandre. Professores de violão e seus modos de ser e agir na profissão: um estudo sobre culturas profissionais no campo da música. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Música, UFRGS, Porto Alegre, 2009.
- SOUZA, Jusamara. Múltiplos espaços e novas demandas profissionais: reconfigurando o campo da educação musical. *Anais do 10º Encontro Anual da ABEM*, Uberlândia, p.85-92, 2001
- YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE: ENTREVISTAS

A seguir seguem as transcrições das entrevistas realizadas com os alunos, durante o período de coleta de dados.

Entrevista com Douglas, realizada em 11 de Novembro de 2013:

Tiago - Como foi seu primeiro contato com o ensino de música? Onde ocorreu?

Douglas - No colégio, na primeira série do ensino fundamental...foi bom, comecei tocando flauta

Tiago - Por que tocar um instrumento musical?

Douglas - Maior aprofundamento musical me levou a ter essa vontade pela variedade de bandas que eu vinha escutando

Tiago - Qual o motivo da escolha pelo violão/guitarra?

Douglas - Vontade antiga, gosto pela musica acústica

Tiago - Como chegaste ao meu nome?

Douglas - Vizinhos que faziam aula com o senhor (risos).

Tiago - Quais eram suas expectativas em relação as aulas? Que objetivos pretendia atingir?

Douglas - Ter experiências com diferentes timbres musicais pra que possa definir o que mais me dá gosto

Tiago - Como você estuda o repertório que esta tocando no momento?

Douglas - Ouvindo a música e praticando um sem o outro não dá certo

Tiago – tu chegava a tocar junto com o guitar pro ou algum outro recurso, tipo os backing tracks?

Douglas - sim, usava backing tracks quando tocava músicas em que fazia solos, em bandas como Led Zeppelin, por exemplo

Tiago - Qual a periodicidade do seu estudo ao instrumento?

Douglas - 50 minutos por dia de segunda a sexta e sábado 1 hora.

Tiago - Em que aspectos sua prática instrumental poderia melhorar?

Douglas – agilidade.

Tiago – tu falas isto da parte técnica?

Douglas – sim...mais horas de prática e mais estudo de técnica.

Tiago - Como o estudo do instrumento musical está articulado com suas atividades?

Douglas – não... eu consigo conciliar sem nenhum problema ou atrito.

Entrevista com Raquel, realizada em 13 de Novembro de 2013:

Tiago - Como foi seu primeiro contato com o ensino de música? Onde ocorreu?

Raquel – hum... primeiro na escola...no Alpha³...não até tinha antes no Beta⁴ quando eu tive aula lá desde pequena

Tiago – desde a educação infantil?

Raquel – Ahânnn... mas daí o primeiro instrumento assim que eu aprendi...não realmente aprendi foi flauta doce no Alpha.

Tiago - Por que tocar um instrumento musical?

Raquel – Hã...mais de lazer assim... pra tipo achar um hobbie , alguma coisa assim, mas porque acho que é interessante tu saber tocar algum instrumento, tu ter esse...eu quis sempre ter este conhecimento assim...

Tiago - Qual o motivo da escolha pelo violão/guitarra?

Raquel – Hã...mais porque eu acho que é um instrumento assim móvel e tu pode tocar em vários lugares...

Tiago – pela portabilidade?

Raquel – é...não, não por isso, mas eu sempre gostei e é legal tipo assim...tu pode pegar uma roda e tocar... é um instrumento bem completo assim...

Tiago - Como chegaste ao meu nome?

Raquel – pelo Denis⁵, foi indicação do Denis.

Tiago - Quais eram suas expectativas em relação às aulas? Que objetivos pretendia atingir?

Raquel – conseguir assim... pegar alguma coisa, pegar uma música assim por essas assim em um *site* de cifras e tocar...esse era o meu objetivo inicial, mas agora é sempre tentar aprender uma coisa nova.

³ pseudônimo criado para manter o anonimato da instituição de ensino citada.

⁴ pseudônimo criado para manter o anonimato da instituição de ensino citada.

⁵ pseudônimo criado para outro aluno, primo em segundo grau de Raquel.

Tiago - Como você estuda o repertório que esta tocando no momento?

Raquel – eu pego a cifra ou a tablatura e eu pego o meu violão e sento no meu quarto e fico tocando até ficar bom, as vezes eu gravo...só pra ver como é que é...

Tiago – tu chegava a tocar junto com a gravação, com o guitar pro ou algum outro recurso, tipo os backing tracks?

Raquel – não toco com a música...acho que eu devia tocar mais

Tiago - Qual a periodicidade do seu estudo ao instrumento?

Raquel – uns 45 minutos por dia.

Tiago - Em que aspectos sua prática instrumental poderia melhorar?

Raquel – acho que isso...do guitar pro pra tocar junto... pegar o ritmo original ou tocar com a gravação.

Tiago - Como o estudo do instrumento musical está articulado com suas atividades?

Raquel – consigo articular numa boa.

Entrevista com Nuno, realizada em 14 de Novembro de 2013:

Tiago - Como foi seu primeiro contato com o ensino de música? Onde ocorreu?

Nuno – há... minha mãe perguntou se eu queria tocar guitarra ou algum instrumento, ai eu topei e gostei assim...

Tiago – Mas tu não tinhas aula de música no colégio?

Nuno – ah... nunca fui incentivado pelo colégio.

Tiago – Mas tu tiveste contato no colégio, tu não tinhas aula de música nas séries iniciais?

Nuno – sim mas era mais a coreografia de uma apresentação de dança

Tiago – Então o teu contato inicial ocorreu quando tu decidiu estudar algum instrumento musical?

Nuno – Isso.

Tiago – que foi aonde?

Nuno – há... comecei lá na Music Lessons⁶ da SOGIPA, que é uma escola de música.

Tiago - Por que tocar um instrumento musical?

Nuno - ah... pra...como uma ocupação extra, uma atividade extra que... Legal!!!

Tiago - Qual o motivo da escolha pelo violão/guitarra?

Nuno – mais pelo que eu escutava na época assim, eu escuto e gosto de escutar...é que eu gosto mais dos instrumentos de cordas.

Tiago - Como chegaste ao meu nome?

Nuno – que eu me lembre foi o teu ex-aluno que era conhecido dos meus pais.

⁶ pseudônimo criado para manter o anonimato da instituição de ensino citada.

Tiago - Quais eram suas expectativas em relação às aulas? Que objetivos pretendia atingir?

Nuno – conseguir melhorar minha técnica porque...sei lá...aprender música eu consigo aprender sozinho, mas na aula eu tento o mais difícil.

Tiago - Como você estuda o repertório que esta tocando no momento?

Nuno – tipo...eu escuto a música pra pegar o estilo do guitarrista e ai depois eu fico milhões de vezes lá no guitar pro tocando e escutando de novo.

Tiago - Qual a periodicidade do seu estudo ao instrumento?

Nuno – umas duas horas por dia.

Tiago - Em que aspectos sua prática instrumental poderia melhorar?

Nuno – Hummm...acho que saber ler partitura já melhoraria bastante assim...

Tiago – por quê?

Nuno – porque ela é mais aberta, mais ampla, tipo mais que a tablatura... e tocar a parte do piano...sei lá

Tiago - Como o estudo do instrumento musical está articulado com suas atividades?

Nuno – quando eu to mais perto...tipo...do teu show, acho que eu toco mais, se eu to mais perto de um torneio de tênis eu treino mais, se eu to perto de uma prova eu estudo mais.

ANEXOS: PARTITURAS

Rest In Peace

Words & Music by Extreme

$\text{♩} = 104$

1
7
9 A.H.
E
11
13
16
19
22

This page contains nine staves of musical notation, likely for guitar. The notation is written in a standard staff format with a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The music is characterized by a complex, rhythmic pattern, possibly a tremolo or a fast sixteenth-note run, which is repeated across the staves. The notation includes various musical symbols such as beams, slurs, and dynamic markings, indicating a highly technical and expressive piece. The overall style is that of a classical or contemporary guitar composition.

This page of musical notation for guitar consists of ten staves. The notation is as follows:

- Staff 1:** Features a complex rhythmic pattern with many beamed eighth and sixteenth notes, including some triplets.
- Staff 2:** Continues the rhythmic complexity with similar beamed notes and some rests.
- Staff 3:** Shows a more melodic line with eighth notes and some slurs.
- Staff 4:** Features a steady eighth-note pattern with some slurs.
- Staff 5:** Contains a melodic line with some rests and slurs.
- Staff 6:** Shows a melodic line with many slurs and some triplets.
- Staff 7:** Features a melodic line with many slurs and triplets.
- Staff 8:** Contains a melodic line with many slurs and triplets.
- Staff 9:** Shows a melodic line with many slurs and triplets.
- Staff 10:** Features a melodic line with many slurs and triplets.

This musical score consists of ten staves of notation, likely for guitar. The notation includes various musical symbols such as notes, rests, and accidentals. Key features include:

- Staff 1:** Measures 85-90. Features a melodic line with triplets and slurs.
- Staff 2:** Measures 91-96. Continues the melodic line with triplets.
- Staff 3:** Measures 97-102. Includes a tremolo effect (indicated by four wavy lines) and triplets.
- Staff 4:** Measures 103-108. Features triplets and slurs.
- Staff 5:** Measures 109-114. Includes a double bar line and complex rhythmic patterns.
- Staff 6:** Measures 115-120. Labeled with "A.H." above and "G#." below. Features a melodic line with slurs.
- Staff 7:** Measures 121-126. Includes a tremolo effect and complex rhythmic patterns.
- Staff 8:** Measures 127-132. Labeled with "Hem." above. Features a melodic line with slurs.
- Staff 9:** Measures 133-138. Includes a tremolo effect and complex rhythmic patterns.
- Staff 10:** Measures 139-144. Features a melodic line with slurs and a final cadence.

Politicalamity

Extreme

III Sides to every Story

Words & Music by Extreme

Time down 1/2 step

① = D# ② = C#

③ = A# ④ = G#

⑤ = F# ⑥ = D#

♩ = 90

Intro

Il y a une Wih Wih et les gâchers normalement .

♩ = 90

Couplet 1

Pré-Refrain

Musical staff 1, measures 32-39. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 32, 34, and 35.

Musical staff 2, measures 32-39. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 32, 34, and 35.

Refrain

Musical staff 3, measures 40-43. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 40 and 41.

Musical staff 4, measures 40-43. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 40 and 41.

Couplet 2

Musical staff 5, measures 44-49. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 44 and 45.

Musical staff 6, measures 44-49. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 44 and 45.

Pré-Refrain

Musical staff 7, measures 50-57. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 50, 52, and 53.

Musical staff 8, measures 50-57. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 50, 52, and 53.

Refrain

Musical staff 9, measures 58-65. Features a melody with eighth notes and a bass line with chords. Trills are indicated above measures 58 and 59.

Musical staff 18, starting with measure 18. It features a complex rhythmic pattern with many sixteenth notes and some triplets.

Musical staff 19, starting with measure 19. It continues the rhythmic pattern from the previous staff.

Solo

Musical staff 20, starting with measure 20. It begins with a series of wavy lines indicating vibrato or tremolo, followed by a melodic line.

Musical staff 21, starting with measure 21. It continues the melodic line with various ornaments and slurs.

Musical staff 22, starting with measure 22. It features a series of chords and melodic fragments.

Se fait en 22 - 24 - 24Bend 1/2 - 24

Si vous avez 24 cases, ça sonne plus comme l'alban

De la peu près, dir a transcrire mais a force

Musical staff 23, starting with measure 23. It contains a series of chords and melodic lines corresponding to the lyrics above.

Final

vous ne devriez pas avoir de mal ... o)

Musical staff 24, starting with measure 24. It features a melodic line with vibrato and a final cadence.

Musical staff 25, starting with measure 25. It continues the melodic line with various ornaments and slurs.

Musical staff 26, starting with measure 26. It concludes the piece with a final melodic phrase.

Musical score for guitar, measures 120-124. The score consists of five staves. The first four staves are standard musical notation with a treble clef and a key signature of one flat. The fifth staff is a guitar-specific notation with a guitar clef and a key signature of one flat. The notation includes various rhythmic values, accidentals, and articulation marks.

Measure 120: Treble clef, one flat. Starts with a quarter note G4, followed by eighth notes A4, B4, C5, B4, A4, G4. A slur covers the next four notes: G4, A4, B4, C5. Measure 121: Treble clef, one flat. Starts with a quarter note G4, followed by eighth notes A4, B4, C5, B4, A4, G4. A slur covers the next four notes: G4, A4, B4, C5. Measure 122: Treble clef, one flat. Starts with a quarter note G4, followed by eighth notes A4, B4, C5, B4, A4, G4. A slur covers the next four notes: G4, A4, B4, C5. Measure 123: Treble clef, one flat. Starts with a quarter note G4, followed by eighth notes A4, B4, C5, B4, A4, G4. A slur covers the next four notes: G4, A4, B4, C5. Measure 124: Treble clef, one flat. Starts with a quarter note G4, followed by eighth notes A4, B4, C5, B4, A4, G4. A slur covers the next four notes: G4, A4, B4, C5.

Staff 5: Guitar notation with a guitar clef and a key signature of one flat. It shows a sequence of chords and notes corresponding to the melody in the previous staves. The notation includes various rhythmic values, accidentals, and articulation marks.

Politicalamity

Extreme

III Sides to every Story

Words & Music by Extreme

Tune down 1/2 step

① = D#1 ④ = C#1
 ② = A#1 ⑤ = C#1
 ③ = F#1 ⑥ = D#1

♩ = 90

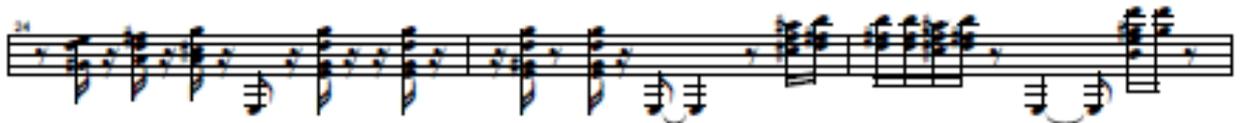
Intro

♩ = 70

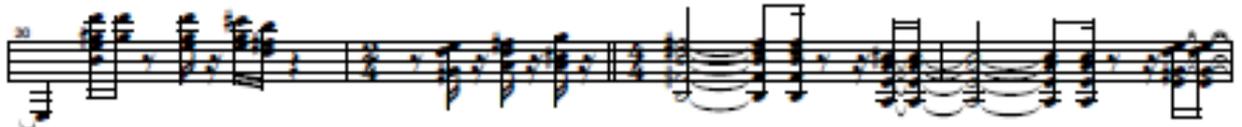
Il y a une Wah Wah sur la guitare classé aussi ...



Couplet 1



Pré-Refrain



Refrain



40 Couplet 2

41 Pré-Refrain

42 Refrain

43 Solo

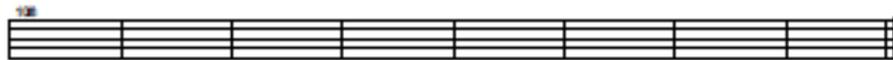
La galère est saturée ici, mais les sons ne sont pas top avec ça ... x/

44

45



Final



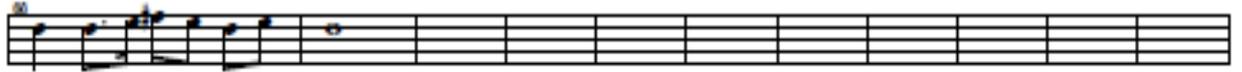
Mardy Bum

Arctic Monkeys

Moderate ♩ = 110

The musical score for 'Mardy Bum' is presented in a standard format with three systems of staves. The first system includes a treble clef staff with a key signature of one flat and a 4/4 time signature. The tempo is marked 'Moderate' with a quarter note equal to 110 beats per minute. The score features a melodic line in the treble clef, a bass line in the bass clef, and a drum part in the bottom staff. The guitar part is indicated by a 'G' above the staff. The bass part is indicated by a 'B' above the staff. The drum part is indicated by a 'D' above the staff. The score includes various musical notations such as triplets, slurs, and dynamic markings. The piece concludes with a final chord in the bass clef staff.





My Stupid Mouth

John Mayer

No Room For Squares

G5 X000 1--13	G7M X000 2---31	F#MA# X X X 3-142-	Bm7add11 X X X 2-341-	D7sus4 X X X X 1-13--	D7 X X X X 1-12--	D/F# X00 1--232	Em7 X--X-X -21-4-	Fmaj2 X X X X 7-3-1-	Gmaj/B X X X 1-112-
End Rhy. Fig5 X X 1-112-		D X000 ---121	A/C# X X X -3111-	Gmaj2 X0 X X 2--13-	Bm7 X X X X -1-12-	F#m7 X X X 1-234-	Gm X00 1--232		

♩ = 88

Intro

Verse 1

Pre-Chorus

G5 **G7M** **F#MA#** **Bm7add11**

D7sus4 **D7** **G5** **D/F#** **Em7** **G5** **D/F#**

Interlude

20 **Fsus2** **Gsus2/B** **End Rhy. Fig3**

22

Verse 2

26

30

Pre-Chorus 2
G5 G7M

34

Chorus
F7/A# Em7add11 D7sus4 D7

38 G5 D/F# Em7 G5 D/F# Fsus2

42 **Chorus**
Gsus2/B End Rhy. Fig3 D A/C# D/F# Gsus2

Detailed description of the musical score: The score is written for guitar and consists of several systems of music. Each system begins with a measure number (20, 22, 26, 30, 34, 38, 42) and is followed by chord names and rhythmic figures. The 'Interlude' section (measures 20-22) features chords Fsus2, Gsus2/B, and 'End Rhy. Fig3'. The 'Verse 2' section (measures 26-30) continues with similar rhythmic patterns. The 'Pre-Chorus 2' section (measures 34-38) includes chords G5 and G7M. The 'Chorus' section (measures 38-42) features a variety of chords including F7/A#, Em7add11, D7sus4, D7, G5, D/F#, Fsus2, Gsus2/B, and A/C#. The notation includes standard guitar symbols such as 'sus' for suspended, 'add' for added notes, and 'M' for major, along with rhythmic figures like 'Fig3'.

Bm7 F#m7 Gsus2 Bm7 F#m7

Gsus2 Bm7 F#m7 Gsus2 Gm

Interlude

Verse 3

Chorus
D A/C#

D/F# Gsus2 Bm7 F#m7 Gsus2

Bm7 F#m7 Gsus2 Bm7 F#m7

71

Gsus2

74

Gsus2

77

78

My Stupid Mouth

John Mayer

No Room For Squares

♩ = 88

Intro Verse 1

Pre-Chorus

Interlude

Verse 2

PM-----| PM-----| PM-----| PM-----

PM PM PM---| PM-| PM PM-----| Pre-Chorus 2

Chorus

Musical notation for the Chorus section, measures 43-46. The notation is on a single staff with a treble clef and a 2/4 time signature. Measure 43 starts with a double bar line and contains a complex chordal structure with slurs. Measures 44-46 continue with a rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes.

Interlude

Musical notation for the Interlude section, measures 47-48. Measure 47 continues the rhythmic pattern from the chorus. Measure 48 features a long, sustained chord with a slur, followed by a final rhythmic flourish.

Verse 3

Musical notation for Verse 3, measures 49-50. Measure 49 continues the rhythmic pattern. Measure 50 features a complex chordal structure with slurs, ending with a double bar line.

P.M-----| P.M-----| P.M-----

Musical notation for Verse 3, measures 51-53. Measures 51-53 feature a complex rhythmic pattern with many sixteenth notes and slurs. Above the staff, there are three 'P.M' markings with dashed lines indicating phrasing or performance instructions.

Chorus

Musical notation for the Chorus section, measures 54-55. Measure 54 continues the rhythmic pattern. Measure 55 features a complex chordal structure with slurs, ending with a double bar line.

P.M-----| P.M-1

Musical notation for the Chorus section, measures 56-58. Measures 56-58 continue the rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes.

Musical notation for the Chorus section, measures 59-61. Measures 59-61 continue the rhythmic pattern, with measure 61 featuring a complex chordal structure with slurs.

Outro

Musical notation for the Outro section, measures 62-64. The notation is on a single staff with a treble clef and a 2/4 time signature, showing a simple rhythmic pattern.

My Stupid Mouth

John Mayer

No Room For Squares

$\text{♩} = 88$

Intro **Verse 1**

1

11 **Pre-Chorus**

21 **Interlude** **Verse 2**

31 **Pre-Chorus 2**

36

Chorus

46

47

50 **Interlude** **Verse 3**

60 **Chorus**



The image displays two staves of musical notation. The top staff begins with a multi-measure rest for 20 measures, followed by a series of rhythmic patterns consisting of eighth and sixteenth notes. The bottom staff also starts with a multi-measure rest for 20 measures, followed by a complex sequence of notes and rests, including some notes with blue stems. The notation is dense and intricate, typical of a technical exercise or a complex musical passage.

Wish You Were Here

Pink Floyd
Wish You Were Here

$\text{♩} = 60$

Intro



Solo 1



Verse 1



Verse 2



Musical staff 1: A complex rhythmic pattern with many beamed notes and rests, typical of a guitar accompaniment.

Solo 2

Musical staff 2: A melodic line with various note values and rests, including some slurs.

Musical staff 3: A melodic line with various note values and rests, including some slurs.

Musical staff 4: A melodic line with various note values and rests, including some slurs.

Verse 3

Musical staff 5: A complex rhythmic pattern with many beamed notes and rests, typical of a guitar accompaniment.

Musical staff 6: A complex rhythmic pattern with many beamed notes and rests, typical of a guitar accompaniment.

Musical staff 7: A complex rhythmic pattern with many beamed notes and rests, typical of a guitar accompaniment.

Interlude

Musical staff 8: A melodic line with various note values and rests, including some slurs.

Musical staff 77-79: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 77, 78, and 79. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, often beamed together, and includes some triplets. There are also some rests and longer note values.

Musical staff 80-82: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 80, 81, and 82. The music is characterized by dense, rhythmic patterns with many beamed eighth and sixteenth notes.

Outro Solo

Musical staff 83-85: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 83, 84, and 85. The music continues with rhythmic patterns, including some triplet figures.

Musical staff 86-88: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 86, 87, and 88. The music features a mix of eighth and sixteenth notes with some rests.

Musical staff 89-91: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 89, 90, and 91. The music continues with rhythmic patterns, including some triplet figures.

Begin Fade

Musical staff 92-94: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 92, 93, and 94. The music features a mix of eighth and sixteenth notes with some rests.

Musical staff 95-97: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 95, 96, and 97. The music continues with rhythmic patterns, including some triplet figures.

Musical staff 98-100: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 98, 99, and 100. The music features a mix of eighth and sixteenth notes with some rests.

Musical staff 101-103: A single staff of music with treble clef and a key signature of one flat. It contains measures 101, 102, and 103. The music features a mix of eighth and sixteenth notes with some rests. At the end of measure 103, there is a chord symbol 'D' written below the staff.



HELTER SKELTER

$\text{♩} = 82$

The musical score for "HELTER SKELTER" is presented in a two-staff format. The top staff is a single melodic line, likely for guitar, starting with a treble clef and a key signature of one flat. The bottom staff is a complex bass line, likely for electric bass, featuring a dense, rhythmic pattern of eighth notes. The score is divided into measures, with measure numbers 1, 5, 9, 13, 17, 21, 25, 29, 33, and 37 marked at the beginning of their respective lines. The tempo is indicated as quarter note = 82. The piece concludes with a final chord in measure 40.

This page contains eight systems of musical notation, numbered 42 through 49. Each system consists of a treble staff and a bass staff. The notation includes various musical notes, rests, and articulation marks. System 42 starts with a treble staff containing a series of eighth notes and a bass staff with a similar rhythmic pattern. System 43 shows a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment. System 44 features a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment. System 45 shows a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment. System 46 features a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment. System 47 shows a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment. System 48 features a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment. System 49 shows a treble staff with a melodic line and a bass staff with a steady accompaniment.

HELTER SKELTER

$\text{♩} = 82$

The musical score consists of ten staves of music. The first staff is a treble clef staff with a key signature of one flat (B-flat) and a 3/4 time signature. It begins with a tempo marking of quarter note = 82. The second staff is a bass clef staff. The third staff is a treble clef staff. The fourth staff is a bass clef staff. The fifth staff is a treble clef staff. The sixth staff is a bass clef staff. The seventh staff is a treble clef staff. The eighth staff is a bass clef staff. The ninth staff is a treble clef staff. The tenth staff is a bass clef staff. The music is characterized by a driving, rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes, with frequent use of triplets and slurs. The piece concludes with a final cadence in the tenth staff.

This musical score consists of four staves. The first staff (measures 58-60) features a melodic line with eighth-note patterns and rests. The second staff (measures 61-63) continues the melodic line, ending with a triplet of eighth notes. The third staff (measures 64-66) shows a more complex texture with sixteenth-note runs and rests. The fourth staff (measures 67-70) includes a triplet of eighth notes, followed by a descending sixteenth-note run, and concludes with a whole note chord. Measure numbers 58, 61, and 67 are indicated at the beginning of their respective staves. At the bottom left, there is a small, empty musical staff with the number 70 above it.